

Imagens de uma Casa em Espera

Construção de um *processo de habitação*

Adriana Cerqueira Correa
Orientador: Prof. Vítor Silva

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
FAUP
2015

Agradecimentos

Às minhas casas e a todos os que participaram na sua construção.

Aos meus avós, a minha casa-materna.

Ao Luís, companheiro de construções.

Ao avô Machado, pela construção desta casa, que tanto soube esperar.

Aos amigos, minhas outras moradas.

Ao Manuel António Pina, por me deixar ver a casa pelos seus olhos.

Ao Professor Vítor.

À Casa em Espera.

Pt. Resumo

*Falemos de casas.*¹

Falemos de casas, do modo como as construimos, do modo como as habitamos. Falemos de como fazemos delas espaços vivos em constante transformação. Falemos de tudo aquilo que constrói uma casa, de tudo o que a compõe, de tudo o que dela faz parte. Falemos, portanto, também de nós, que as construímos e que as habitamos.

Assumimos o carácter interno e pessoal que esta investigação tem como fundo, deixando de lado, inicialmente, os aspectos próprios da disciplina da arquitectura, afastando o protagonismo da prática do arquitecto. Esta construção subjectiva, que encontra semelhança na poesia e na literatura, procura retratar o conflito do habitante com a casa, passada e presente, que constitui material de um projecto futuro. Assim, nos dois primeiros momentos, esta incursão acerca da casa, das casas, assume-se como uma visão de dentro para dentro, no interior da casa e, principalmente, no interior da relação estabelecida entre ambos. Procura-se o entendimento da mecânica interna do habitar para ter a capacidade de intervir conscientemente no espaço-casa.

Dividida em três momentos, esta incursão através do espaço-casa, iniciada na subjectividade da construção íntima de um habitar, termina na objectividade final de uma reflexão de como pode o arquitecto, a prática, a disciplina da arquitectura, intervir sobre a construção da casa. Assim, o concluir desta construção, casa de papel, procura a resposta do que é o arquitecto para a casa, o seu posicionamento em relação à construção da morada e o papel que a arquitectura pode desempenhar na construção deste projecto, enquanto processo aberto contínuo no tempo.

En. Abstract

Let's talk about houses.

Let's talk about houses, about the way we build them, the way we live them. Let's talk about the way we make them living spaces in constant transformation. Let's talk about everything that builds a house, everything that composes it, everything that is part of it. Therefore, let's also talk about ourselves, those who build them, those who live in them.

Assuming the internal and personal character of this investigation, we leave aside, initially, the inherent subjects of architecture, deviating the protagonism way of the architectural practice. This subjective construction, which finds resemblance in poetry and literature, seeks to portray the conflict between the inhabitant and the house, the past and present, that is material for a future project. Thus, in its first two moments, this incursion into the house, the houses, is assumed as an inside view: inside the house and, particularly, inside the relationship established between them. We seek the understanding of the internal mechanics of inhabiting in order to be able to consciously intervene in the house-space.

Divided into three stages, this foray through space-house, that begun in the inner construction of the subjectivity of a inhabit, completes in the final objectiveness of a reflection of how can the architect, the practice or the architecture subject, intervene on the construction of the house. Thus, the conclusion of this construction, paper house, looks for the answer of what is the architect for the house, its position in relation to the construction of the dwelling and the role that architecture can play in building this project, an ongoing and open process in time.

1. HELDER, Herberto, «Falemos de casas», in *Poema contínuo*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p.9-12.

Imagens de uma Casa em Espera

Construção de um *processo de habitação*

Notas sobre a casa	11
Notas sobre o texto	12
Notas sobre a estrutura	12
 I. Passado	
Casas-memória	
Espaços de afectos; Transporte (1)	22
Espaços mestiços; Transporte (2)	29
Espaço encolhido	37
Outras memórias	43
 II. Presente	
Chegada a casa	
Condição do habitar	50
Apropriação do espaço (1)	55
Casa-Cenário	
Apropriação do espaço (2)	60
Espaço dos fantasmas	65
Os corpos e as coisas	71
Espaço do tempo	77
Louvor do esquecimento	81
Casa-Função, Casa-Espaço	
As casas da casa	86
Potência-espaço	93
 III. Futuro	
Sobre a construção das obras duradouras	
Espaço-possível	98
Espaço-do-possível	103
 O espaço (continuação e fim)	 109
 Mapa de conceitos	 121
Bibliografia	125
Iconografia	128

“*Habitando-te como uma casa ou uma memória.*”²

2. PINA, Manuel António, «A vida real» in *Todas as palavras, poesia reunida*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2013, p. 273.

Notas sobre a casa

Lavar a seco e não passar a ferro. Se não funcionar desligar e voltar a ligar.

Na casa não temos manual de instruções e dificilmente seremos capazes de ter um completo entendimento acerca do seu funcionamento. “*Viver numa casa, numa casa autêntica, é um ofício a tempo inteiro*”³. Ela é mais do que paredes e chão, tectos e telhados, portas e janelas; é mais do que os móveis que a ocupam, e mais do que as coisas que preenchem os móveis; é mais do que as memórias, as fotografias, mais do que roupas e trapos. A *casa* é mais do que a casa.

E a cada dia há-de surpreender – seja pelas manchas de humidade que se fazem notar no tecto da casa de banho, seja pelas novas flores no jardim, que ainda ontem jurámos que lá não estavam. Assim nunca poderíamos contar-vos a casa, não *toda a casa*; não o sabemos nós, que cá vivemos, comemos e dormimos. Podemos sim mostrar-vos imagens – imagens de uma casa, *desta casa* –, fragmentos, passagens e retratos de uma casa em espera. Desta casa “*cheia dos maus e bons cheiros das casas que têm história, cheia da ténue, mas viva, obsidiante memória de antigas gentes e traças, cheia de sol nas vidraças e de escuro nos recantos, cheia de medo e sossego, de silêncios e de espantos*”⁴.

Não temos, portanto, a pretensão de chegar a um entendimento geral da casa, mas sim de dar notícia do que pode ser um *processo de habitação* – que não poderia ser levado a cabo senão pela experiência e pelo experimento – como algo que não é, nem poderá ser, estanque. Porque a casa, e as gentes que a *habitam*, estão em constante transformação: a casa que nos transforma é simultaneamente transformada por nós; ser vivo composto por tempo-espaco-gente que vibra, range, respira e vive.

*E o que nós fazemos ao longo de toda a vida não é tentar construir uma casa para habitarmos?*⁵

Entendemos as páginas que se seguem como um *espreitar* para dentro desta casa, no papel de “*visitantes irresponsavelmente pouco atentos aos instantes de felicidade (...), esquecendo as nossas angústias de nómadas bárbaros*”⁶, assistindo à natural inevitabilidade da construção de um *habitar*, em que a casa e os seus ocupantes participam num processo de sedução mútua – porque “*a casa dos dois era olharem-se*”⁷ – muitas vezes conflituado entre a racionalidade de uma formação e a emotividade de uma humanidade, em que nos encontramos da dupla função de *habitante* e *arquitecto*, ser subjectivo e objectivo, razão e contradição.

Não se espere, portanto, encontrar aqui um catálogo de soluções ao jeito *IKEA* de *como se desenha uma casa*⁸, mas sim a documentação reflectida de um *processo de habitação*, de um processo de projecto, entendido como o equilíbrio entre o *fazer-possível* e o *fazer-o-possível*, através da construção subjectiva da casa já existente e do *habitar*, porque “*entre casas e homens, sem abdicar é claro de uma distinção mínima que não escandalize a razão, se processa um encontro especial. (...) Esse encontro é especial porque seus elementos produzem zonas de sombreamento mútuo nas quais é impossível discernir o humano do não-humano, o objetivo do subjectivo ou, dito de outra maneira, a zona de sombreamento mútuo é esse lugar de encontro e indistinção entre matéria e subjectividade.*”⁹

3. SIZA VIEIRA, Álvaro, «Viver uma casa», in *01 textos*, Porto, Civilização Editora, Abril, 2009, p.133-135.

4. RÉGIO, José, «Toada de Portalegre», in *Fado*, Editora A bela e o monstro, Outubro 2012.

5. PINA, M. A., em *Ler mais, Ler melhor*, registo vídeo em <<https://www.youtube.com/watch?v=XL71VPq6LiE>>

6. SIZA VIEIRA, Álvaro, «Viver uma casa», *op.cit.*

7. José Saramago, *Memorial do Convento*, Porto Editora, 2015.

8. Título do poema e livro de Manuel António Pina.

9. BRANDÃO, Ludmila de Lima, *A casa subjectiva: matérias, afectos e espaços*, São Paulo, Perspectiva, Cuiabá, Secretaria de Estudos de Cultura de Mato Grosso, 2002, p.135.

Notas sobre o texto

10. BRANDÃO, L. L., *op.cit.* p.17.

11. *Idem*

12. PEREC, Georges, *Especies de Espacios*, trad. da autora, Barcelona, Montesinos, Abril 1999, p.33-34.

13. *Como se desenha uma casa*, de Manuel António Pina.

14. BRANDÃO, L. L., *op.cit.*, p.3.

15. *Idem*, p.134-135.

16. HELDER, H., «Falemos de casas», *op.cit.*, p.9-12.

17. MORAES, Vinícius de, «Sobre a poesia» in *Para viver um grande amor*, Rio de Janeiro, Editora Autor, 1962, p. 57-58.

18. PINA, M. A., «Como se desenha uma casa» in *Como se desenha uma casa*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2011, p.9.

19. MORAES, V., «Sobre a poesia», *op.cit.* p. 57-58.

Revelemos aqui um conjunto de inquietações que antecedem e acompanham a construção de um texto que não pretende ser *sobre casas*, nem *sobre a casa*, mas sim ser uma *construção da casa* – ou seja, “*construir não um texto sobre casas, mas casas com um texto*”¹⁰. Um texto-construtor ou “*texto-espaço que permitisse não apenas visualizá-lo, mas que afetasse o corpo leitor, convocando-lhe outros sentidos, à maneira de uma experiência corporal do espaço*”¹¹

Procuramos um texto capaz de construir, transformar e criar espaço “*somente com palavras, com símbolos traçados sobre a página branca. (...) Simulacro de espaço, simples pretexto com nomenclatura: mas nem sequer faz falta fechar os olhos para que esse espaço suscitado pelas palavras, espaço de dicionário unicamente, espaço só de papel, se anime, se povoe, se preencha*”¹².

Como fruto da impossibilidade de escrever a *casa* – *esta casa*, escrevemos, construímos e desenhámos¹³ *uma casa* – comum, como todas as casas em que habitamos inconscientes (do próprio acto de habitar). Porque isto da casa, isto do habitar, pertence ao quotidiano, pertence à vida e ao mundano. “*Curioso. Para escrever sobre estas casas foi preciso esquecer a arquitetura. Foi preciso, sobretudo inicialmente (e não sem culpas e vergonhas), desqualificar a arquitetura como ofício e seus procedimentos mais usuais, teóricos e práticos. Talvez porque, empurrada pelas coisas que achava importante pensar e dizer sobre essas casas, intuísse a necessidade de experimentar uma outra concepção construtiva*”¹⁴. Criamos a consciência de que a casa não pertence à nossa disciplina mais do que pertence a todos nós, habitantes do dia-a-dia – “*é como se a arquitetura precisasse fechar os olhos por uns tempos, se permitisse ouvir, cheirar, perceber com o tato, com o deslocamento do corpo, flagrar o nascimento do espaço nessa conjunção de elementos e suas capacidades afetivas...*”¹⁵ – e que para falarmos dela é necessário que “*falemos de casas como quem fala da sua alma*”¹⁶.

Como seremos nós capazes, então, de produzir este *texto construtor de espaço*? – “*Troquem-se tijolos por palavras, ponha-se o poeta, subjetivamente, na quádrupla função de arquiteto, engenheiro, construtor e operário*”¹⁷ – Aprendamos a desenhar a casa com Manuel António Pina, com Vinícius de Moraes, com Bertlot Brecht, com Herberto Helder, com muitos outros capazes de o fazer “*com algum grau de abstracção e sem um plano rigoroso*”¹⁸, porque “*o material do poeta é a vida*”¹⁹, e a vida é o material da casa.

Notas sobre a estrutura

Chegamos a casa. (Espera) Entrai!

Estamos, obviamente, a escrever-vos num momento presente – numa sala do primeiro andar, com uma janela à nossa esquerda, acima da qual as andorinhas teimosamente insistem em fazer ninho. Já muito se passou desde a primeira vez que cá entrámos; e estamos longe de chegar ao fim deste processo – o *processo de*

habitação durará o tempo da casa. Ainda que tenha começado muito antes da nossa chegada.

As imagens que nos propomos aqui partilhar convosco não nos pertencem inteiramente – nem a nós, nem à casa; – pertencem também àqueles que por cá passaram e aos que ainda hão-de passar. Pertencem às casas que trouxemos connosco, e àquilo que nelas deixámos. Por isso elas também aqui terão lugar. Sentemo-nos todos – à mesa talvez, como é nosso costume – para construir esta casa que nos espera.

A estrutura que optámos segue uma ordem cronológica. Não por fazer sentido contar as imagens ordenadas ao longo de uma linha que tem como imposição o desfilar do tempo, mas sim por ser uma ordem cuja pertinência não carece de justificação²⁰ (a par da ordem alfabética, mas esta causar-nos-ia demasiada estranheza).

Convidamos-vos assim a entenderem o objecto que agora apresentamos como “um volume, um espaço no sentido físico e material, conjunto de símbolos acumulados através de complexíssimas regras e depositados num suporte-cofre tridimensional que pode ser maravilhosamente bem manipulado pelo leitor (visualizador e manipulador), que pode trabalhar com as infinitas partes daquele objecto e realizar assim um exercício absolutamente estético. Porque no espaço não há sequência, mas sim extensão, e o percurso pode sempre variar.”²¹ Propomos então um exercício de leitura em que o leitor seja, também ele, construtor desta casa, capaz de “percorrer o espaço do livro tão livre e criativamente como lhe apeteça”²² entendendo que “a leitura e a escritura não têm porque ser dois actos antagónicos”²³.

20. PEREC, G., *op.cit.*, p.47.

21. CAMARERO, Jesús, in PEREC, G., *op.cit.*, p. 16.

22. *Idem.*

23. *Idem*; p.18.

I. Passado

Reconhecemos as marcas de quem por cá passou antes da nossa chegada – a sua importância para as nossas histórias será indiscutível. Reconhecemos também marcas em nós mesmos, como nomes de namoros de criança cravados na madeira da velha mesa de Vinicius.²⁴ A casa que construiremos juntos terá estas marcas como fundações – é preciso que convidemos todos a entrar, para que possamos criar espaço para entrarmos nós também. É neste equilíbrio entre todos os que, juntos, construímos esta casa, que se inicia o *processo do habitar*.

As personagens destas histórias habitaram esta e outras moradas – moradas que fomos construindo e por onde fomos passando. Moradas que nos construíram a nós também, e que permitem agora a construção desta casa que sempre esperou a nossa chegada, e que continuará a esperar as chegadas futuras. Deste modo, estas páginas povoam-se de *amigos e outras moradas*²⁵, alguns que já partiram, mas nem por isso estão ausentes; alguns que ainda estão por vir, mas que já têm lugar posto à nossa mesa.

24. MORAES, V., «A velha mesa» in *op.cit.*, p.87.

25. PINA, M. A., *Como se desenha uma casa, op.cit.*

II. Presente

É aqui, no momento presente, que nos encontramos – nós e casa. Aqui se inicia o processo de desejo – dançamos, a passo lento, abrindo espaços nossos. A casa não é a mesma após a nossa chegada, pois nós também mudámos.

Criam-se as *condições do habitar*. As condições encontradas são de um outro habitar que não o nosso. É como se todos os que por cá passaram nunca tivessem saído e agora seja indispensável a criação de um espaço-potenciador do nosso habitar. Às costas trazemos bagagens, e não as podemos deixar do lado de fora da porta. Encontramos, claro está, resistência: “*um habitante silencioso caminhando à frente dos nossos passos, dormindo na cama ao nosso lado, comemos a sua comida, as nossas próprias palavras não nos pertencem*”²⁶ Pensamos “*que faria eu com tanto Passado senão passar-lhe ao lado, deitando-lhe o enviesado olhar da ironia?*”²⁷; Apropria-se a casa, apropriam-se as memórias, recebem-se os fantasmas, e esquecem-se, também, um pouco.

26. PINA, M. A., «Talvez de noite» in *Como se desenha uma casa*; op.cit., p.26.

27. PINA, M. A., «Neste preciso tempo, neste preciso lugar» in *Todas as palavras, poesia reunida*; op.cit., p.252

III. Futuro

O futuro desta casa é, e sempre será, uma projecção possível da realidade de um passado e de um presente que agora encontramos. É projecto – projecto da casa e projecto de vida. Assuma-se a consciência de que a casa do projecto não existe no agora.

Este, em específico, e como é costume na habitual construção das casas, anda na fronteira entre o *fazer-possível* e o *fazer-o-possível* – Porque, no que toca ao assunto da casa, não se constrói, mas sim – à boa maneira alentejana, vai-se construindo.

Esta construção futura é nada mais, nada menos, que um potenciar do espaço, ampliando-o no tempo – “*ampliado pelo futuro, pela sua novidade, pela sua criatividade, pelo seu espanto. O espaço ampliado pelo tempo do futuro é o espaço da imaginação, pois a imaginação é a capacidade de criar continuamente novos espaços e novas figuras no espaço. O espaço da imaginação é o espaço da esperança e da utopia: o espaço novo num novo espaço. Os nossos espaços são sempre espaços cruzados pelos tempos: espaços da memória e espaços da imaginação, espaços das raízes e espaços da viagem, espaços do passado e espaços do futuro*”²⁸

28. ANDRÉ, João Maria, *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Colégio das Artes, 2014, p. 73-74.



Fig.1 José Manuel Rodrigues, *As gavetas da memória: Álbum de retratos*.



Fig.2 Paul Klee, *View from a window, Island in the north sea*, 1923.



Fig. 3 Fotografia da autora, *Vista da minha janela*, Casa em espera, Alcáçovas, 2015.

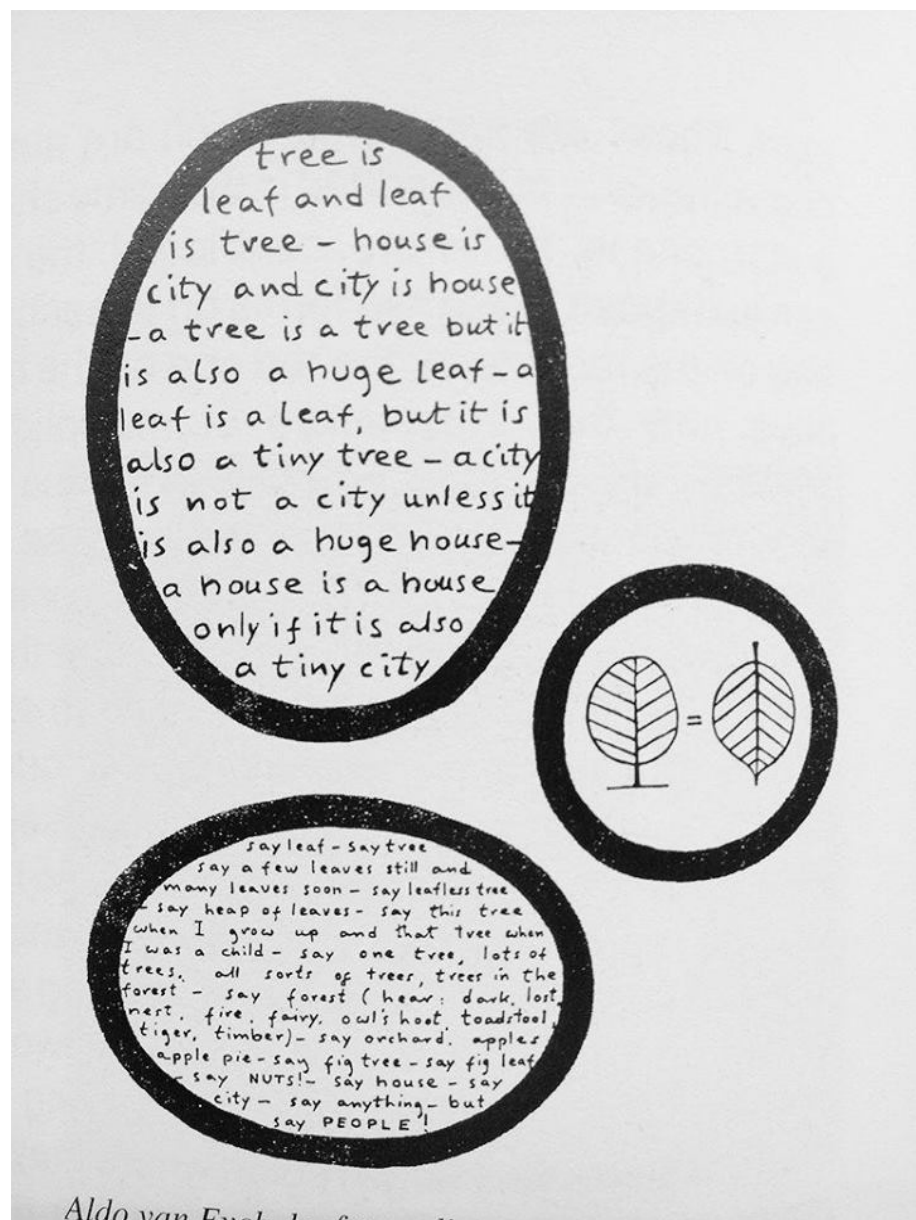


Fig.4 Aldo Van Eyck, Leaf tree diagram, 1962.

*“O espaço e o tempo. O tempo e o espaço. Duas categorias que servem para explicar toda a realidade, duas coordenadas que se entrecruzam para dizer um algo antes indefinido, inexistente. Todas as perguntas possíveis podem ser respondidas por meio destes dois eixos: ainda que umas realidades sejam mais «temporais» e outras mais «espaciais», o registo «espaciotemporal», a hibridização ou a amálgama de ambos é a dimensão de um conceito filosófico que permitirá resolver o dilema através de um binómio, de duas condições contrapostas mas complementares e inseparáveis, porque uma realidade não pode ser explicada, nem sequer pensada, sem requerer a presença desta dupla ideia.”*²⁹

29. CAMARERO, J., in PEREC. G., *Especies de espacios*, op.cit, p.9

I.Passado

Casas-memória

Espaços de afectos; Transporte (1)

Espaços mestiços; Transporte (2)

Espaço encolhido

Outras memórias

*“De todas as obras as mais queridas
São para mim as usadas,
Os jarros de cobre com amolgaduras e as bordas achatadas
As facas e os garfos com os cabos
Gastos de muitas mãos: formas tais
Sempre me pareceram as mais nobres. Igualmente os ladrilhos em
volta de velhas casas,
Calcados de muitos pés, polidos,
Por entre os quais crescem tufo de erva – isto
É o que são obras felizes.
Entradas no uso de muitos
Muitas vezes alteradas, melhoram a sua forma e fazem-se
saborosas
Porque muito saboreadas.
Até os fragmentos de esculturas
Com suas mãos decepadas eu amo. Também eles
Viveram para mim. Ainda que deixados cair, foram assim mesmo
usados.
Ainda que derrubados, não estiveram alto de mais.
Os edifícios meio arruinados
Têm de novo aspecto de ainda não acabados
Planeados em grande: as suas belas proporções
Deixam já adivinhar-se; mas ainda precisam
Da nossa compreensão. Por outro lado
Serviram já, estão mesmo já ultrapassados. Tudo isto
Me faz feliz.”³⁰*

30. BRECHT, Bertolt; «De todas as obras», in *Poemas*, Versão portuguesa de Paulo Quintela, ASA Editores, Porto, Coleção Terra Imóvel, 1ª edição, Setembro 2007, p.388.

Espaços de afectos; Transporte (1)

Morada: Rua Clube dos Caçadores, nº 30, 4ºdrt, Mafamude – V.N.Gaia
Habitantes: Maria Rosa e Manuel Cerqueira

Trazemos em nós a ideia da casa, do *lar*. Levamo-la para toda a parte connosco – de casa em casa, as nossas e as dos outros. Falamos do sentimento da *casa materna* de Vinicius, onde “*as coisas vivem como em prece*”³¹, imagem cristalizada na memória, que constrói hoje esta casa das palavras. Esta evocação quase sempre inconsciente da *casa materna*, ou *casa mãe* – aquela em que imaginamos o espaço da felicidade – sobrevoa o constante processo de habitação que vamos construindo.

Mas a *casa materna*, utopia que tentamos alcançar, não existe para lá da imaginação. É a construção mental de um espaço que só existiu num determinado tempo, de um determinado sujeito – “*Lugares da infância onde sem palavras e sem memória alguém, talvez eu, brincou. Já lá não estão nem lá estou.*”³² – e é apenas na memória de um tempo-sujeito que nos é possível revisitar.

A evocação da memória desta casa não carrega consigo apenas a óbvia dimensão do tempo passado, carrega também uma outra: a dimensão dos afectos, “*uma quinta dimensão que é a dimensão da emoção e da afectividade.*”³³ Assim, na *casa mãe*, não é a casa propriamente dita que nos assombra, o seu espaço físico e palpável – a sua planta, a cor do papel de parede ou a disposição do mobiliário da pesada sala de jantar – o que trazemos connosco desta casa é sim a dimensão afectiva, o espaço de afectos, de cores, de cheiros, de memórias difusas e esbatidas. Fazendo o esforço de regressar a essa casa, fechando os olhos e lá voltando, não ao agora, mas recuando a esse tempo-sujeito passado, lembramo-nos do cheiro do almoço da avó, do frio da tijoleira do chão nas tardes quentes de verão e do barulho de fundo do rádio do avô, que ouvia as notícias com uma seriedade diferente da qual ouvia o relato do jogo de futebol. Lembramo-nos da satisfação de um habitar, construção de emoções, que praticámos inconscientemente – “*Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!*”³⁴

Na verdade, as coisas palpáveis que recordamos da *casa materna*, temos que confessar, não deixam saudades – o papel de parede tinha flores, não sabemos quais, a sala era coberta por uma horrorosa alcatifa cinzento-rato e os móveis eram escuros e de uma enorme-gigante desproporção. Não é, portanto, este o espaço que nos leva à nossa incessante procura. O espaço que hoje encontramos, onde um dia estava esta *casa da felicidade*, – espaço de afectos, – é agora banal e corresponde à construção de um habitar que não é nosso, que não nos pertence e, mais importante, que não reconhecemos como o ideal de espaço-felicidade, ou seja, espaço de desejos, intensidades e emoções capazes de potenciar o *habitar* desta casa.

Porque esse espaço que procuramos já não existe, quando o revisitamos já não o sentimos como essa construção que recordamos – “*Agora sei coisas de um modo que não me pertence, como se as tivesse roubado. (...) E fico de novo sozinho, na cama vazia, no quarto vazio. Lá fora é de noite, ladram os cães; e cubro a cabeça com os lençóis.*”³⁵ – A *casa mãe* não existe já, porque nós também não temos hoje a

31. MORAES, V., «A casa materna» in *op.cit.*, p. 49.

32. PINA, M. A., «Lugares da infância» in *Todas as palavras, poesia reunida, op.cit.*, p.160.

33. ANDRÉ, J. M., *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço, op.cit.*, p.75.

34. CAMPOS, Álvaro de, «Tabacaria», *Poemas de Fernando Pessoa*, Visão, Janeiro 2006.

35. PINA, M. A., «Lugares da infância» in *Todas as palavras, poesia reunida, op.cit.*, p.160.

capacidade de a habitar do mesmo modo, apenas a podemos evocar. É um espaço que só existe através da memória e “*nenhuma evocação, porém, pode restituir a presença solar do que outrora foi um instante fulgurante e inicial*”³⁶, mas, mesmo assim, nem por isso abandonamos a nossa procura, não do espaço da *casa mãe*, mas sim de recriar a capacidade afectiva que esse espaço continha. Procuramos a construção deste espaço contentor de afectos.

Reclamamos assim esta capacidade afectiva do espaço – contentor de afectos, – como matéria e material de projecto para a construção desta casa. Esta capacidade não é entendida enquanto produto racionalizável passível de ser mimetizado, que não o é, mas enquanto potência. “*Assim, o labirinto do tempo e das emoções transforma o espaço num labirinto que é a potência para muitos labirintos*”³⁷. A evocação deste espaço da afectividade, o transporte desta memória para a nova casa, abre espaço a outros espaços. Espaços capazes de intensificar os afectos.

A incapacidade de racionalizar esta afectividade-espacial da *casa materna* leva-nos a uma relação de difícil trato com estas memórias – assumimos a sua existência, não sabendo o que fazer com ela – porque o rádio do avô já não toca, e não podemos trazer connosco para a nova casa o cheiro do almoço da avó. O que fazer, então, com toda esta carga, memória, fantasma que nos persegue?

É necessário tomar consciência que este espaço contentor de emoções, ou espaço de afectos, apenas existe em nós e, assim, tornarmo-nos dispositivos de transporte desta dimensão afectiva. – Assumirmo-nos a nós mesmos como dispositivo potenciador de afectos e emoções porque “*é certo que temos um corpo, mas é um corpo inerte, feito mais de coisas como esperança e desejo do que de carne, sangue e nervos*”³⁸ porque “*o corpo tem abóbas onde soam os sentidos se tocados de leve ecoando longamente como memórias de outra vida. O passado não está ainda pronto para nós, nem o futuro*”³⁹.

“*O homem pensa, age, cria, ama, contempla, habita e comunica segundo coordenadas que nem sempre são perceptíveis, mas que estão sempre implícitas na sua vida habitual.*”⁴⁰ Resta-nos então habitar, construir e desenhar esta casa. Como quem habita uma memória.⁴¹

36. ROSA, António Ramos, *O Aprendiz Secreto*, Quasi Edições, Vila Nova de Famalicão, Julho de 2005, p. 48.

37. ANDRÉ, J. M., *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço*, op.cit., p.75.

38. PINA, M. A., «Separação do corpo» in *Todas as palavras, poesia reunida*, op. cit., p.312.

39. *Idem*.

40. ROSA, A. R., *O Aprendiz Secreto*, op.cit., p. 68.

41. PINA, M. A., «A vida real» in *Todas as palavras, poesia reunida*, op.cit., p. 273.



Fig.5 Joana Rego, *Voltar a casa como se fosse a primeira vez*, Exposição da galeria Miguel Justino Contemporary Art, 2014.



Fig.6 Larry Sultan, *Nighland, Pictures from home*, San Fernando Valley, 1984.



Fig.7 Larry Sultan, *My father's dresser, Pictures from home*, San Fernando Valley, 1985.



Fig.8 Fotografia da autora, *Casa da avó: afecto materno*, Vila Nova de Gaia, 2014.



Fig.9 Fotografia da autora, *Transporte: espaços de afectos*, Casa em espera, Alcáçovas, 2015.

Espaços mestiços; Transporte (2)

Morada: *Calle de la Guardia Civil, nº2, puerta 22, Valencia, España*

Habitantes: *Adriana Correa, Luís Piteira*

Morada: *Rua Cinco de Outubro, nº 181, 1º trás, Porto*

Habitantes: *Adriana Correa, Luís Piteira, Fábio Verríssimo*

A primeira vez que vimos a casa, tudo pareceu muito grande. Principalmente para nós, que apenas tínhamos meia dúzia de móveis emprestados por familiares. A agente imobiliária cuspiam disparates a alta velocidade: qualquer coisa sobre a luz do sol e o pavimento de “soalho” (umas placas plásticas a imitar madeira). O pelo do gato dos antigos inquilinos cismava em não desaparecer.

Dois anos depois, já não nos lembrávamos da sala ser tão grande, agora novamente despida dos velhos móveis emprestados. O pobre sofá-cama, castanho desbotado, já tinha um braço partido – disfarçadamente encostado à parede para não abanar – mas, ainda assim, um minuto depois de o termos deixado junto aos contentores do lixo, já alguém o tinha levado.

Estranhamente já tudo parecia ali pertencer: nós, os velhos móveis emprestados, as luzes de natal que iluminavam o *hall*, e as fotografias de uma viagem a Marrocos penduradas na parede.

*“Eu somos tristes. Não me engano, digo bem. Ou talvez: nós sou triste? Porque dentro de mim não sou sozinho. Sou muitos. E esses todos disputam minha única vida. Vamos tendo nossas mortes. Mas parto foi só um. Aí, o problema. Por isso, quando conto a minha história me misturo, mulato não de raças, mas de existências.”*⁴²

Na construção desta casa existe também mestiçagem. Também ela é mulata, “*não de raças mas de existências*”⁴³; existências prévias à sua construção, que são, também elas, construções – igualmente mulatas – porque o processo de ocupação se iniciou muito antes da chegada à Casa em Espera. Noutras moradas passadas, outras construções foram feitas. E estas reclamam agora o seu lugar na construção desta outra casa. Não as podemos deixar para trás, porque este processo é um processo de continuidade – “*A construção é um retorno e uma continuidade através das rupturas. Estas, por vezes, são tão dolorosas e prolongadas que o construtor sente o seu futuro atraído. Nesses momentos é o desespero que, paradoxalmente, sustenta o seu ânimo.*”⁴⁴

Nós, enquanto construtores desta casa, temos o dever de reconhecer a sua mestiçagem, tal como a reconhecemos em nós mesmos. Do mesmo modo que

42. COUTO, Mía, *Vozes anoitecidas*, Lisboa, Caminho, 1987, 3ª, p.85 em ANDRÉ, João Maria, *Multiculturalidade – identidades e mestiçagem*, Coimbra, Palimage, 2012, p.15.

43. *Idem*.

44. ROSA, A. R., *O Aprendiz Secreto*, *op.cit.*, p. 40.

45. COUTO, Mia, *Vozes anoitecidas*, op.cit., p.85.

46. PINA, M. A., «Como se desenha uma casa» in *Como se desenha uma casa*, op.cit., p.9.

47. SARAMAGO, José, *A viagem do Elefante*, Porto Editora, 2014 e LOBO ANTUNES, António, *Memória de elefante*, Publicações Dom Quixote, 2003.

48. SARAMAGO, José, transcrição do documentário *José e Pilar*, de Miguel Gonçalves Mendes, 2010.

49. PINA, M. A., «O regresso» in *Todas as palavras, poesia reunida*, op.cit., p.351.

50. PINA, M. A., «Relatório» in *Todas as palavras, poesia reunida*, op.cit., p.352.

iniciamos esta construção carregados de espaços, memórias e afectos, também na casa, outras intensidades disputam a sua única vida⁴⁵. A verdade é que já nem sabemos sobre quantas outras construções estamos agora nós a construir.

Assim “*uma casa é as ruínas de uma casa*”⁴⁶; construímos o nosso processo de habitação sobre as suas e as nossas ruínas, pois a casa que encontramos não é uma tela em branco, mas sim um espaço à espera, em espera, de uma palavra, para que a reconstruamos, ou retomemos a sua construção, entre o que aqui encontramos e o que trazemos na bagagem.

Esta consciência da casa enquanto espaço mestiço, mulato, permite-nos situá-la, por hipótese, entre dois espaços-literários com um denominador comum, o elefante, em dois espaços distintos: a sua *viagem* e a sua *memória*⁴⁷. A casa é assim o elefante. Entre aquilo que trazemos e aquilo que encontramos, entre as suas construções (e construtores) prévias e as nossas, entre a sua memória – de elefante, que nunca esquece, e a viagem. Falamos “*sobre a viagem do elefante. Não sobre a viagem das pessoas que acompanham o elefante. Mas o que é que faz o elefante ao longo de todo esse tempo? Andar, andar, andar, caminhar, caminhar, caminhar. Não faz mais nada. Mas há aí dados que me faltam, e que são coisas que parecem tontas: o elefante é como o cavalo? Dorme em pé? São coisas que parecem sem importância mas que são fundamentais.*”⁴⁸

Assumir este espaço, sobre o qual construímos um espaço-contínuo em permanente construção, permite-nos experimentar que o tempo da construção da casa é superior ao tempo do construtor. Uma espécie de *vão-se os dedos, ficam-se os anéis* da casa. É, por isso, importante que tenhamos presente que estamos a falar da viagem do elefante, e não das pessoas que o acompanham – sejam as que estiveram presentes no início da viagem, as que, com o elefante, chegarão ao destino pretendido, ou aquelas que chegaram a meio do caminho, e entretanto desviaram a sua rota para outras viagens. Todos deixamos marcas na nossa construção-paquidérmica – mas a viagem do elefante não é propriamente nossa.

Porém, e apesar disto, não podemos deixar de parte o valor da nossa própria viagem – foi ela que nos trouxe até aqui, a este ponto de coincidência entre a nossa viagem e a do elefante. É precisamente neste estado transitório de sobreposição e transporte que se amplifica a mestiçagem, misturando a nossa existência com a da casa, pois aqui *eu somos muitos*, e porque “*assim chega o viajante à tardia idade onde se confundem ele e o caminho.*”⁴⁹

Assim, construtor e casa se misturam, trocam marcas, cicatrizes, lambem feridas e constroem novas-memórias-antigas para um dia futuro – criam uma existência comum em que a casa “*certas noites, porém, sai de si e sai de mim, e fica suspensa lá fora entre a memória e o remorso de outra vida*”⁵⁰ Pois a construção deste processo de habitação, deste habitar-espaço-vivo, faz-se na fronteira da experiência e do adquirido, ou seja, na fronteira das memórias que nos pertencem e das que pedimos emprestadas sem prazo de devolução.

Encontramos assim o construtor (também) na função de mediador, gestor de processos, de recursos e de projectos; gestor de projectos de vida, e de vidas, também. Construtor capaz de conseguir com que todas estas existências *que*

*disputam uma única vida*⁵¹, sejam capazes de coexistir num mesmo espaço-tempo-presente. Capaz de estabelecer o diálogo entre as nossas várias existências e as da casa – elefante que *anda, anda, anda, caminha, caminha, caminha*⁵²; construtores capazes de fazer uníssonos de todas estas vozes que soam dentro desta casa.

Precisamos de construtores capazes de perguntar: *serão os elefantes como os cavalos, que dormem em pé?*⁵³

51. COUTO, Mia, *Vozes anoitecidas*, *op.cit*, p.85.

52. SARAMAGO, José, em *José e Pilar*, *op.cit*.

53. *Idem*.

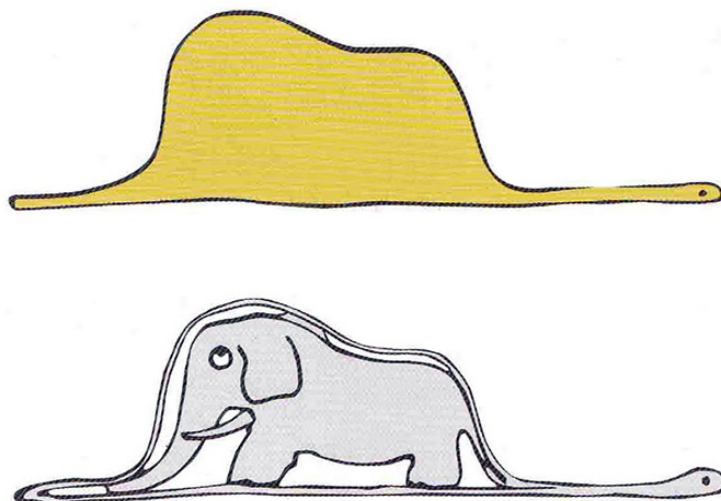


Fig.10 Antoine de Saint-Exupéry, Ilustração do livro *Le petit prince*, Paris, 1943.

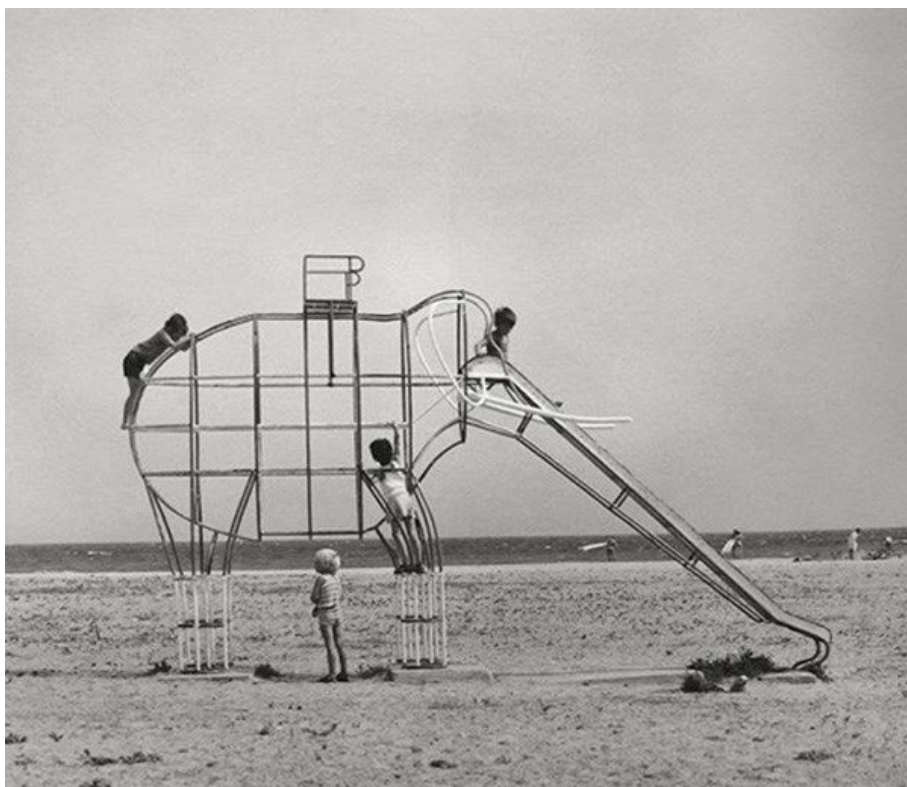


Fig.11 Francesc Català-Roca, (título desconhecido), Girona, 1975.



Fig.12 Fotografia da autora, *Espaço mestiço (1)*, Valência, 2011.



Fig.13 Fotografia da autora, *Espaço mestiço (2)*, Porto, 2013.

Espaço encolhido

*“Toda a casa suspendera
a respiração
incapaz de conter
tamanha desproporção,*

*e eu próprio desaparecera
algures na sala, entre a tua vida e a tua morte.
Atenderam o telefone
falando baixo,*

*temendo que regressasse
cada coisa do teu lugar
sem estar prontos ainda
para a tua solidão.*

*Faltava muito
para podermos perceber,
muitos passos para chegarmos
aonde sempre estivéramos:*

*mais perto do tédio do que da esperança,
da parte do que do todo,
vagueando ainda na tua ausência,
longe do céu e da ideia da morte.”⁵⁴*

54. PINA, M. A., «Corpo presente»
in *Todas as palavras, poesia reunida, op.cit.*,
p.215.

O avô vivia na casa que havia construído: o quarto para dormir, quer de noite, deitado na cama, quer de dia, descansando o corpo sobre a poltrona castanha; a cozinha servia para todo o resto – comer, descansar, receber as poucas visitas às quais ainda abria a porta, ver televisão, ouvir a telefonia, muitas vezes simultaneamente. Fora isso apenas a casa de banho e o corredor, por óbvias razões utilitárias. Muito raramente o banco por baixo dos arcos, no alpendre.

Esta era a casa do avô.

“É curioso como, com o avançar dos anos e o aproximar da morte, vão os homens fechando portas atrás de si, numa espécie de pudor de que o vejam enfrentar a velhice que se aproxima.”⁵⁵

55. MORAES, V., «A arte de ser velho» in *Para viver um grande amor, op.cit.*,
p.33.

56. Em *Notas sobre a casa*.

57. PINA, M. A., «Como se desenha uma casa» in *Como se desenha uma casa*, op.cit., p.9.

58. ROSA, A. R., *O Aprendiz Secreto*, op.cit., p. 71.

59. PINA, M. A., em *Ler mais, Ler melhor*, <<https://www.youtube.com/watch?v=Xl71VPq6LiE>>

60. ROSA, A. R., *O Aprendiz Secreto*, op.cit., p. 71.

61. *Idem*, p. 74.

62. *Idem*, p. 45.

A casa é mais do que a casa – dissemos antes, numa das nossas notas⁵⁶; “*Uma coisa ameaçadora à espera de uma palavra*”⁵⁷. A sua construção é permanente, mesmo após o final da sua obra porque “*a finalidade da construção não é a obra acabada para ser habitada finalmente na tranquilidade de um repouso merecido. O gesto construtivo é um fim em si mesmo, porque é um modo de abrir e habitar o espaço da construção.*”⁵⁸ A cada dia que cá vivemos, construímos um pouco mais esta casa. “*E o que nós fazemos ao longo de toda a vida não é tentar construir uma casa para habitarmos?*”⁵⁹

“*A obra nunca será uma prioridade mas sim a actividade incessante de um operário que se constrói a si mesmo em cada gesto construtivo.*”⁶⁰ Desenhámos a casa com o corpo, com o hábito e com o ser. Como quem desenha um trilho por pisar sempre o mesmo chão a cada dia, por muitos dias. Os trilhos que traçamos desenhavam uma planta, que se altera e transforma, quando se altera e transforma o caminho. Assim, “*a construção da morada é sempre uma reconstrução do corpo.*”⁶¹

Sabemos que a sua presença física é composta por tijolos, argamassas, algum ferro, madeiras, azulejos, pedras, tijoleiras, porém, estes elementos constituem apenas um contentor, uma parte do todo que é a construção da morada. Construído o contentor, fica muito ainda por construir: o acordar, o comer, o tomar banho de água fria naquele dia em que se deixou acabar a botija do gás, o corre-corre matinal, o deitar o corpo cansado no sofá ao regressar a casa, o dormir novamente. Dez passos da cama à casa de banho; vinte e três até ao frigorífico, doze degraus até ao andar de baixo. Existem seis cadeiras à volta da mesa: apenas duas servem para sentar; uma para segurar a porta do quintal para não bater; as restantes, esporadicamente, para sentar as visitas. Assim desenhámos a nossa casa, marcamos os nossos trilhos. Assim ocupamos o nosso contentor. Se outros construtores cá estivessem fariam de outra forma, ou seja, desenhariam outra casa.

Um mesmo contentor tem, assim, a capacidade de albergar um sem número de casas-possíveis, desenhos-possíveis, construtores-possíveis. Deste modo “*as vastas salas, os pequenos quartos, os corredores, corresponderão a outras tantas formas de estar e de participar na unânime respiração da terra.*”⁶²

O avô construiu a sua casa. Uma casa muito grande, grande de mais. Fazia parte dos seus requisitos que a casa fosse assim, grande. E pouco a pouco o avô foi demolindo partes da sua construção: o andar de cima, quando os joelhos deixaram de o permitir subir o lanço de escadas, também ele grande; a grande sala, para as muitas visitas, que deixou de ter paciência para receber; o grande quintal, que perdeu interesse quando a avó deixou de lá estar presente, carinhosamente de roda das flores. O avô desenhou assim a sua nova casa: o quarto, para dormir; a cozinha, para todo o resto.

Esta era a casa do avô.

Quando o construtor chega à casa vazia, espaço-nu, recorre à imaginação. Veste mentalmente o espaço com objectos quotidianos: a mesa, a cama, o sofá. Veste também este espaço-nu com objectos do espaço-afectivo: o poster do Miró, comprado numa viagem a Barcelona, a poltrona do avô. Assim se abre o leque das possibilidades, que é como quem diz, assim se constrói o espaço-potência – “*Algo está em potência quando, polarizado por uma forma que o pode actualizar, ainda não chegou à realização ou actualização dessa forma.*”⁶³ É deste modo que o construtor percorre, mentalmente, os inúmeros espaços-possíveis contidos no espaço-casa, transformando a casa num espaço potencial, capaz de albergar as várias casas-possíveis, “*labirinto que é a potência para muitos labirintos*”⁶⁴

Cada espaço da casa, a seu tempo, será ocupado por dispositivos que possibilitam acções. No espaço-quarto, será construída a cama, para dormir; no espaço-cozinha a mesa e o fogão, para comer e cozinhar. Não dormirá o construtor em cima da mesa; – Fechamos o leque.

A casa que se iniciou como um espaço-potência, potência de potências, cumpre a escolha do construtor, passando de potencial a efectiva, e afectiva. Onde antes *poderíamos* comer ou dormir, hoje *podemos* dormir, mas não comer.. Assim o construtor habita a sua casa, das muitas casas possíveis que poderia habitar, continuando a sua construção, partindo de uma das muitas formas possíveis de a construir. “*No centro do inabitável o mobiliário define um espaço domesticado que os gatos, os livros e os homens habitam com serenidade.*”⁶⁵

Encolhe assim o construtor o espaço da casa, não na sua dimensão, claro está, mas na sua potencialidade de albergar um determinado número de acções. Do espaço-nu, vazio, potencial de todas as acções possíveis na sua dimensão, passamos para o espaço habitado, quotidiano, encolhido no leque da potencialidade das acções, mas aumentado na sua dimensão construtora.

63. ANDRÉ, J. M., *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço*, op.cit., p.25.

64. *Idem*, p.75.

65. PEREC, G., «A conquista do espaço» in *Especies de espacios*; op.cit., p.134.



Fig.14 Fotografia da autora, *Casa para o avô: espaço encolhido*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2015.

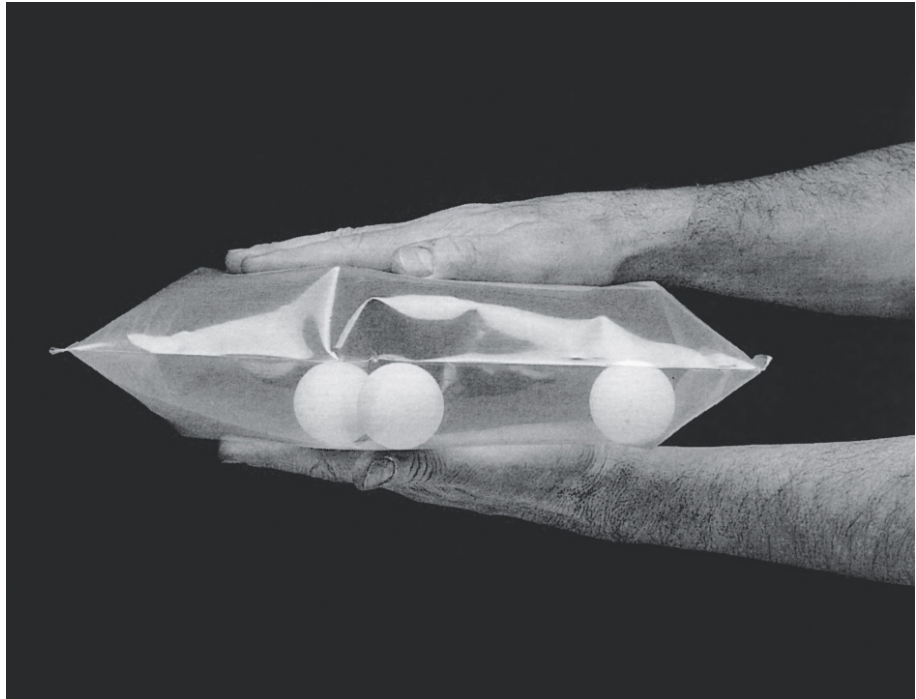


Fig.15 Lygia Clark, *The proposition ping-pong*, 1966.



Fig.16 Robert Morris, *Untitled (Box for Standing)*, 1961

Outras memórias

Contaram-nos:

– “*Esta casa é uma casa sem amor.*”

A casa que hoje construímos teve, antes da nossa chegada, construções e construtores prévios. A sua presença nesta construção não pode ser hoje descartada, ou sequer desconhecida. Para retomarmos a construção da Casa em Espera temos que reunir novamente todos aqueles que de algum modo participaram na sua viagem. Chamemo-los agora para um reencontro neste espaço-papel.

– *Construtores primeiros:*

Os avós viviam em Paris – estamos nos anos 70. A sua condição financeira permitia-lhes construir uma casa. Uma casa de emigrante que fizesse jus à expressão *tudo à grande e à francesa*. Iniciou-se a construção.

Para os avós a casa era uma conquista, nada mais. A sua construção era apenas o símbolo de uma posição que haviam conquistado e única relação estabelecida entre os avós e a construção da sua própria casa era o dinheiro.

– *Construtores segundos:*

A casa começou a ser construída num processo que será talvez o oposto da auto-construção. Como os avós não estavam presentes, quem tratava de todos os processos relacionados com a construção da casa eram o Padrinho e o Tio Chico. Mas a casa não era para eles. Fazia-se o estritamente necessário. Com cuidado, mas sem gosto.

– *Construtores terceiros:*

Assim, no fundo quem de facto construída a casa eram os operários. Sabiam que o que construíam era uma *casa rica* – ainda hoje o vemos pela colocação das pedras-mármore nos sítios mais inusitados – faziam-no da forma que sabiam, no entendimento do que, para eles, seria uma *casa rica*.

*

Finalmente os construtores primeiros chegam à casa. Mas o seu interesse pela sua construção mantém-se igual. O objecto-casa, que agora vêem construído, não é um objecto amado, mas sim um contentor-depósito de coisas pelas quais tão pouco sentiam muito apreço. Vivem na casa porque a construíram, porque a pagaram. Não existe na relação com ela verdadeiro amor.

*

– *Construtores quartos:*

Filha e genro, mais tarde também o neto, participam na construção da casa. Fazem-se mudanças, constrói-se o *ninho*. Interrompe-se a espera, com gosto, com cuidado.

Um intervalo curto de tempo deixa marcas permanentes nesta construção: uma marquise, uma cozinha, uma lareira que nunca chegou a ter uso. Uma nova geração de construtores cruza-se na viagem desta casa. Mais tarde partem para outras construções, mas sem nunca abandonar esta completamente.

*

Os construtores primeiros voltam a habitar, em solidão, a sua construção. Solidão que parece sempre possuir meios para aumentar, para ocupar mais espaço. Os avós já não são dois – ficou o avô, “*fechando portas atrás de si, numa espécie de pudor de que o vejam enfrentar a velhice que se aproxima.*”⁶⁶ Quando cá chegámos, nas nossas primeiras páginas, ainda o avô estava a tornar-se mestre nesta arte de ser velho.

Agora, só cá estamos nós.

*

– *Construtores quintos:*

Chegámos com vontade de construir, com a força característica dos novos construtores. Convidámos para a nossa mesa todos os que por cá passaram, os que trouxemos connosco e aqueles que nos acompanharão ao longo deste processo. É assim que retomamos esta construção. Evocam-se memórias, passados e vontades futuras – juntamo-las todas neste momento presente, nesta construção presente. Deste agora em diante retomaremos a construção da casa.

Abra-se agora espaço para os novos construtores.

66. MORAES, V., «A arte de ser velho» in *Para viver um grande amor, op.cit.*, p.33.



Fig.17 Lygia Pape, *Divisor*, 1968.



Fig.18 Fotografia de arquivo familiar,
Construtores (1), Alcáçovas, 1975.



Fig.19 Fotografia de arquivo familiar, *Construtores (2)*, Alcáçovas, 1995.

II. Presente

*“Na velha casa
Entram os novos moradores.
Se os que a construíram ainda lá estivessem
A casa seria pequena de mais.”*⁶⁷

67. BRECHT, B., «Louvor do esquecimento» in *Poemas, op.cit.*, p.464 .

Chegada a casa

Condição do habitar
Apropriação do espaço (1)

*“Como quem, vindo de países distantes fora de
si, chega finalmente aonde sempre esteve
e encontra tudo no seu lugar,
o passado no passado, o presente no presente,
assim chega o viajante à tardia idade
em que se confundem ele e o caminho.
Entra então pela primeira vez na sua casa
e deita-se pela primeira vez na sua cama.
Para trás ficaram portos, ilhas, lembranças,
cidades, estações do ano.
E come agora por fim um pão primeiro
sem o sabor de palavras estrangeiras na boca.”*⁶⁸

68. PINA, M. A., «O regresso» in *Como se desenha uma casa, op.cit.*, p.13.

Condição do habitar

A chegada à nova morada é sempre um ponto de viragem. O viajante entra pela primeira vez na sua nova casa, o seu novo abrigo, sem ainda o sentir como seu. A estranheza do sentimento da chegada é marcada por cheiros que não lhe pertencem, de outros viajantes que por esta morada passaram, e que alguma coisa por cá construíram.

Assim, a chegada ao momento presente, em que as viagens do construtor e da casa coincidem, é um momento de tensão, de intercepção de tempos, memórias, construções e construtores, que é como quem diz, de viagens e viajantes. Esta tensão é fundamental para o retomar desta construção, como uma passagem de testemunho de construtores passados para construtores presentes; O futuro ainda terá que esperar.

Os primeiros tempos desta longa estadia sentem-se com algum receio – esta casa que habitamos não nos pertence, não tem os nossos vícios ou as nossas marcas. Habitamo-la como quem habita um quarto de hotel, hóspedes temporários procurando não deixar rastro. Tanto nós, construtores, viajantes recém chagados, como a casa, imponente construção passada e presente, carregada de memórias de outrora, recebemo-nos mutuamente com surpresa e desconfiança; e como quem aperta a mão a um estranho pela primeira vez, somos constrangidos a entrar e a acomodar-nos.

Afinal, esta agora é a nossa casa.

*“Cheguei demasiado tarde
e já todos se tinham ido embora,
restavam papéis velhos, vidas mortas,
identidade, sujidade, eternidade.”⁶⁹*

69. PINA, M. A., «Que dia? Que olhar?» in *Todas as palavras, poesia reunida*, op.cit., p.304.

70. Etimologia de *morada*, de raiz indo-europeia, in <http://etimologias.dechile.net/?morada>

71. ROSA, A. R., *O Aprendiz Secreto*, op.cit., p. 60.

Inicia-se assim o *processo de habitação*, de criação da morada, do morar (retardar, parar, residir; recordar, memória⁷⁰). Deixamos de ser hóspedes *non gratos* na nossa própria casa, e começamos a encará-la como parte do nosso quotidiano, como o nosso abrigo e o nosso habitar. Lentamente a sensação de pertença começa a ganhar lugar, e com ela a vontade da mudança. Muda-se uma coisa aqui, outra acolá. A princípio timidamente, com medo, como se os verdadeiros donos da casa pudessem regressar e ofender-se com a ousadia; depois vamos assumindo os gestos. “Quando a obra se inicia, o habitante virtual torna-se o habitante presente, mas a sua presença é sempre distante ou demasiado envolvida no processo da construção para que a sua presença se recorte como uma figura nítida e distinta.”⁷¹ Todos os dias temos que nos *relembrar* – esta é agora a nossa casa; porque este processo não nos parece natural.

A construção de que agora fazemos parte está preparada para acolher um habitar que não o nosso – mas sim outro habitar que foi aqui construído e praticado antes de nós – e, assim, apesar da reconhecermos que estão cá reunidas todas as condições inerentes ao *hábito*, ao *habitar*, essas condições não correspondem às nossas expectativas enquanto novos moradores.

O novo *habitar* disputa agora o seu lugar nesta construção – procura instalar-se neste novo contentor de hábitos, adaptando-se a si mesmo e adaptando a nova construção à sua presença.

Lentamente vamos abrindo espaços, ampliando espaços, para termos espaço para nós na casa.

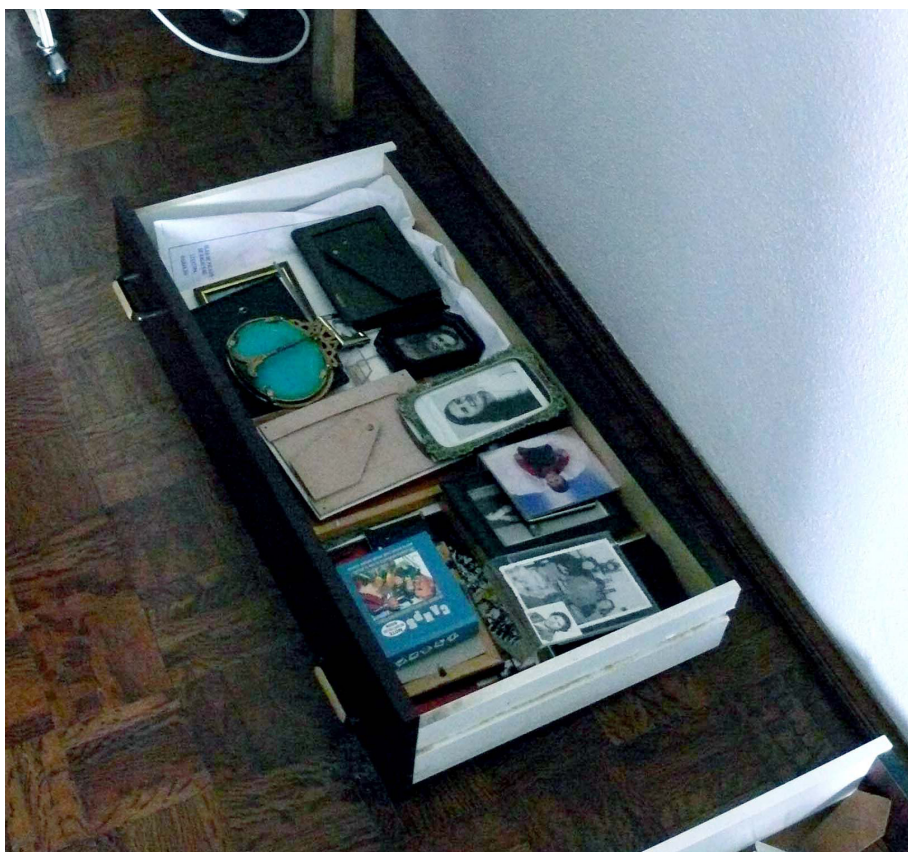


Fig.20 Fotografia da autora, *Casa-passado (fantasmas)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.



Fig.21 Fotografia da autora, *Casa-passado (habitar ausente)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

Apropriação do espaço (1)

“O lugar aparece-me, por isso, sobretudo, como um continente: aquilo onde se está ou onde algo se situa. É assim que podemos falar da casa como lugar, ou seja, o topos onde se existe, morando ou habitando, mas onde se está. Do mesmo modo podemos dizer que o roupeiro é o lugar da roupa, a estante o lugar dos livros e o restaurante o lugar onde se come. O espaço é algo diferente: é aquilo de que nos apropriamos, criando espaço dentro de lugar.”⁷²

Chamar à nossa construção o lugar onde estamos é reduzi-la a algo mais pequeno do que a sua existência. Mais do que “o topos onde se existe, morando ou habitando, mas onde se está”⁷³, a casa é espaço, experiência e potência. O lugar, ou seja, onde estamos, é a casa-visível, o objecto-palpável – paredes, chão e tecto, “o esqueleto da casa. Ossos feitos em material de construção.”⁷⁴ A nossa construção, casa-espaço, é o “criar do espaço dentro do lugar”⁷⁵.

Sem a presença do construtor, sem a sua intervenção, a casa é apenas esqueleto, lugar, todavia não é ainda espaço; é alguma coisa com existência porém sem experiência. A casa vazia dos seus construtores, moradores, viajantes, não é experienciada, o que significa que a sua existência não é, portanto, praticada por ninguém. Deste modo é apenas através do habitar, do construir, que o morador experiencia o espaço-vivo que é a casa. Assim, é a presença, a intervenção do construtor que cria o espaço dentro do lugar que é a casa. “Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos caminhantes. Da mesma forma, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar que constitui um sistema de signos – um escrito. (...) o espaço é como um sistema de signos que se torna praticado pela leitura.”⁷⁶

O lugar-casa torna-se espaço-casa quando é habitado – e vivido pelo morador. A casa é lugar até que se dê início ao processo de habitação, passando a ser nesse momento espaço – lugar-vivo, apropriado (habitado, pelo hábito, pela repetição do *ter*; lembrado sempre; *morada*).

Vínhamos para a casa três ou quatro vezes ao ano, já há três ou quatro anos. Um fim-de-semana, uma semana, no máximo duas ou três. Nunca mexíamos em nada, nunca alterávamos nada. A roupa ficava na mala, a mala aberta no chão, a um canto – o guarda-roupa estava sempre cheio, ainda que a casa estivesse sempre vazia.

72. ANDRÉ, J. M., *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço*, op.cit., p.15.

73. *Idem*.

74. FONSECA SANTOS, Inês, «A habitação de Jonas» in *A Habitação de Jonas*, Lisboa, Abysmo, 2013.

75. ANDRÉ, J. M., *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço*, op.cit., p.15.

76. ANDRÉ, J. M., *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço*, op.cit., p.19.

De uma das últimas vezes que viemos (temporariamente), necessitávamos de um espaço para trabalhar. Nada de muito exigente; apenas uma superfície horizontal livre à qual pudéssemos dar uso. Não havia na casa tal coisa. Porém, na garagem encontrámos uns cavaletes empoeirados e uma porta esquecida. Arrastamos então todos os (muitos) móveis para os cantos, desimpedindo o espaço necessário para montarmos um improvisado de mesa na marquise do andar de cima. Durante essa semana utilizámos esse espaço para trabalhar. E foi a primeira vez que criámos espaço dentro da casa.

Até ao dia em que voltámos, agora definitivamente, a mesa improvisada manteve-se lá, à espera de que regressássemos.

É, portanto, na (des)apropriação, na acção do morador, que nasce o espaço da casa, até então esqueleto imóvel, desabitado, vazio de emoções e de afectos, de transportes de outras viagens e de memórias (pois sem ninguém para as recordar como, e onde, podem existir as memórias?).

A chegada a casa, à casa, termina então – quando o visitante se transforma em construtor.

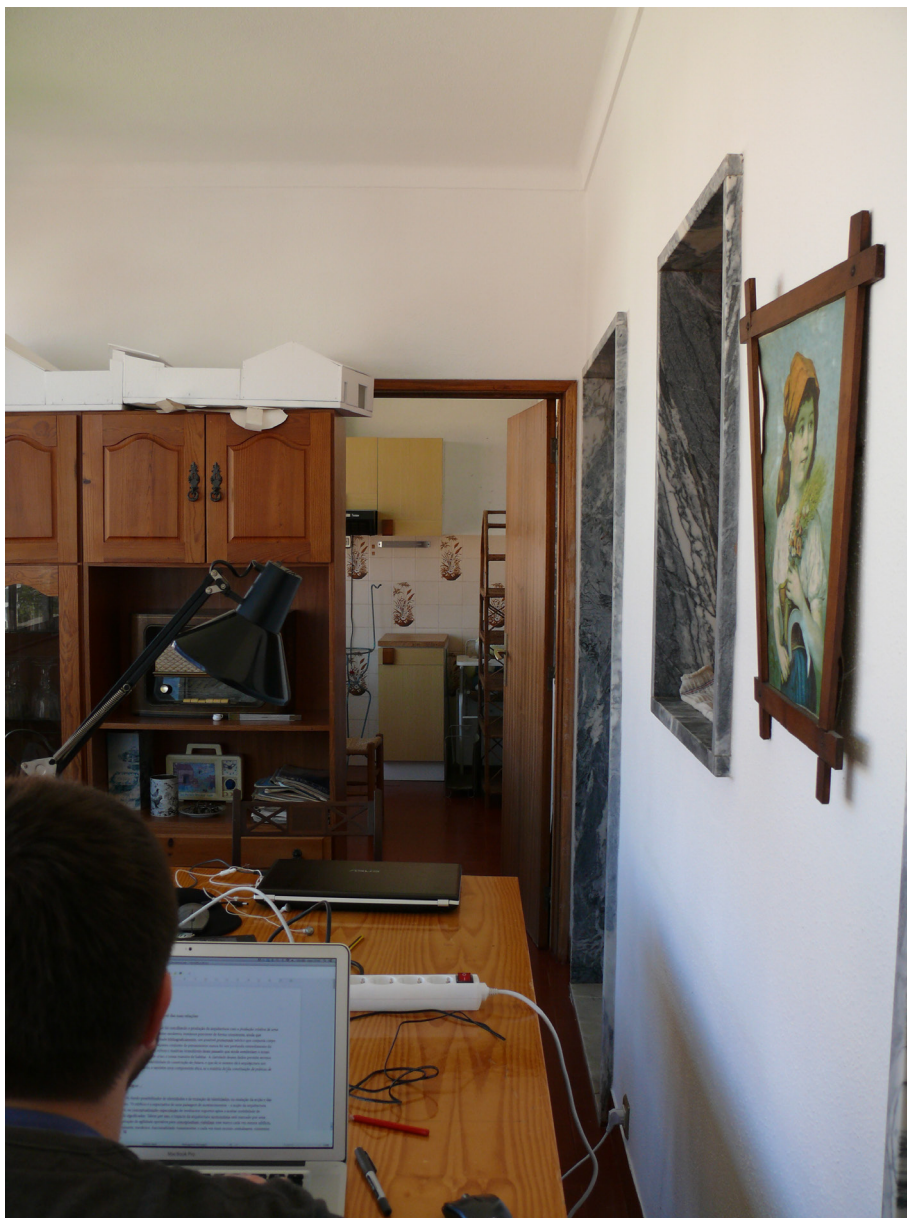


Fig.22 Fotografia da autora, *Apropriação (1)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2013.



Fig.23 Joana Rego, *N de não lugar*, 2008.



Fig.24 Ramón Masats,
(título desconhecido), Tornelloso, 1960.

Casa cenário

Apropriação do espaço (2)
Espaço dos fantasmas
Os corpos e as coisas
Espaço do tempo
Louvor do esquecimento

*“no centro do inabitável o mobiliário define um espaço domesticado que os gatos, os livros e os homens habitam com serenidade.”*⁷⁷

77. PEREC, G., «A conquista do espaço» in *Especies de espacios*, *op.cit.*, p.134.

Apropriação do espaço (2)

“O que é apropriar-se de um sítio? A partir de que momento é que um sítio é verdadeiramente de alguém? Quando já se pôs de molho três pares de meias numa bacia de plástico rosa? Quando já se requentou esparguete num camping-gas? Quando já se utilizaram todas as cruzetas desocupadas do guarda-roupa? Quando já se colou na parede um postal velho que representa o sonho da Santa Úrsula de Carpaccio? Quando já se experimentou aí as ânsias da espera, ou as exaltações da paixão, ou os tormentos das dores de garganta? Quando já se vestiram as janelas com cortinas a gosto e se colocou o papel de parede pintado e se riscou o soalho?”⁷⁸

78. PEREC, G., «O quarto» in *Especies de espacios*, op.cit., p.48-49.

79. *Idem.*

Após a chegada a (à) casa é tempo do viajante se instalar na sua nova morada, retomar a sua construção e fazer desta casa a *sua casa*. Porém, “a partir de que momento é que um sítio é verdadeiramente de alguém?”⁷⁹ – e, mais do que um sítio qualquer, a partir de que momento é que uma casa é, verdadeiramente, a *nossa casa*?

Esta transição na relação habitante-casa, construtor-construção, é algo que acontece a um nível tão interno que não conseguimos precisar o instante em que se dá essa passagem – o momento em que, de repente e sem aviso, dizemos *vou para casa* e não há nesta afirmação qualquer hesitação ou dúvida que a *casa* é só uma. *Casa-nova, casa-de-férias, casa-dos-pais, casa-da-rua-x, casa*. A casa própria dispensa adjectivos ou justificações; porque a casa é *a casa*.

Porém, quando falamos desta transição, não a relacionamos com as questões práticas que envolvem o habitar, pois esta passagem é algo que tem lugar no íntimo da relação, e da ligação mutuamente estabelecida, entre o morador e a nova morada. Não podemos, então, afirmar que esta passagem se dá ao trigésimo sexto dia de permanência na casa, nem no quinquagésimo terceiro. Não se trata de uma realidade exacta em que ao fim de setecentas e sessenta e três horas juntos, o habitante e a casa se apaixonam e criam esta ligação como se num acontecimento sobrenatural.

Não falamos tampouco de uma questão de rotina – como se esta conexão fosse estabelecida pela primeira vez que morador não se equivocasse ao abrir a porta do armário da cozinha na procura dos pratos da sopa (os pratos da sopa têm uma grande tendência em gravitar de sítio para sítio dentro do armário da cozinha durante as horas em que não há gente em casa).

Por fim, também não se trata de uma fórmula matemática que possa ser calculada por quantos objectos da nossa posse já ocupam o seu lugar dentro da casa – três móveis do *Ikea*, dois conjuntos de pratos, todos os livros que já lemos, mais aqueles que não lemos mas que também conquistaram um lugar nas estantes. Não, mais uma vez. Não se trata de quantidade; esta apropriação do espaço-casa vai para além disso.

Tínhamos mudado de casa há pouco tempo, ainda tudo parecia ser novidade por cá. Não sentíamos esta casa como algo que nos fosse natural. Vivíamos cá sim, mas esta ainda não era a nossa casa. Havia sempre um momento no regresso em que alguém dizia – *Vamos para casa?*, e seguia-se sempre a mesma resposta – *Qual casa?*

Foi só passado bastante tempo que a casa começou a ser só uma. Parece-nos ter sido um dia escolhido ao acaso, sem qualquer razão específica em que isso aconteceu, mas desde então nunca mais deixou o de ser.

Esta passagem acontece, assim, na inseparabilidade da relação estabelecida pelas partes constituintes do todo do habitar. Não se trata de uma transição física ou palpável; É, porém, o momento em que o viajante põe de parte, ainda que por um tempo limitado, a sua viagem a solo e acompanha o elefante⁸⁰.

*“É difícil discernir onde é a fronteira, de que modo nós vivemos nos livros e de que modo os livros vivem em nós. Acho que as duas coisas não são completamente diferentes uma da outra. Os livros vivem em nós por nós vivermos neles. É uma espécie de relação de intimidade.”*⁸¹

Substitua-se livros por casas e temos a forma mais clara de construir, por palavras, a apropriação do espaço-casa – o momento em que a casa é, verdadeiramente, a *nossa* casa; Assim, mais do que habitarmos a casa, nós, viajantes construtores, teremos que deixar que a casa habite em nós. Pensar a casa como algo que vive em nós, precisamente, por nós vivermos nela. Pensar a casa como parte desta relação de intimidade.⁸²

Ironicamente é no filme *As casas não morrem*⁸³ que chegamos à conclusão que elas, de facto, morrem. Apenas desta forma seremos capazes de explicar esta relação e o facto de elas, as casas, habitarem em nós, fazendo parte de nós, assim como os *amigos e outras moradas*⁸⁴ de Manuel António Pina.

Foram quase três anos naquele primeiro andar com má vista e algum ruído a mais. Pareceu-nos antes uma eternidade. Lá, nós e a casa, construímos uma relação de intimidade, uma espécie de parceria, em que nos compreendíamos mutuamente. Conhecíamos-nos os cheiros, os ruídos e os humores.

80. SARAMAGO, José., *A viagem do Elefante*, op.cit. e LOBO ANTUNES, António, *Memória de elefante*, op.cit.

81. PINA, M. A., in FONSECA SANTOS, Inês, *Regressar a casa com Manuel António Pina*, Lisboa, Abysmo, 2015, p. 53.

82. *Idem*.

83. FONSECA SANTOS, Inês, MACHADO, Pedro, *As casas não morrem*, in *Regressar a casa com Manuel António Pina*, op.cit.

84. PINA, M. A., *Como se desenha uma casa*, op.cit.

O último dia em que lá estivemos foi de despedida. A casa, agora despida, parecia olhar-nos pela última vez. Nós, por nosso lado, não sabíamos como lhe dizer adeus – e, afinal, como dizer adeus às nossas casas?

Nesse dia a nossa casa morreu. Naquele primeiro andar, com má vista e algum ruído a mais, está uma casa, de certo, mas aquela que conosco lá esteve, morreu no dia em nos mudámos.

E agora, como vamos para casa? Na nova casa é preciso paciência. Paciência para reaprender a habitar; paciência para esperar que a casa queira, também ela, habitar em nós. Fazemos o luto às casas que deixámos – aquelas que morreram à nossa saída. Enquanto isso aprendemos a viver nesta morada e a conhecer-lhe os cheiros, os ruídos e os humores.

Um dia, aprenderemos a chamar-lhe *casa*.

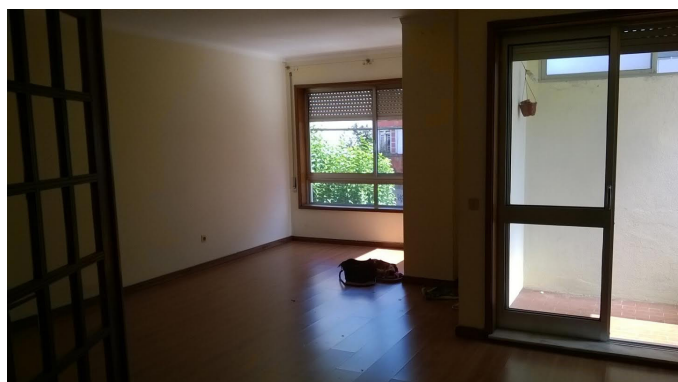


Fig.25 Fotografia da autora, *Casa-luto*, Porto, 2014.



Fig.26 Fotografia da autora, *Apropriação (2)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2015.

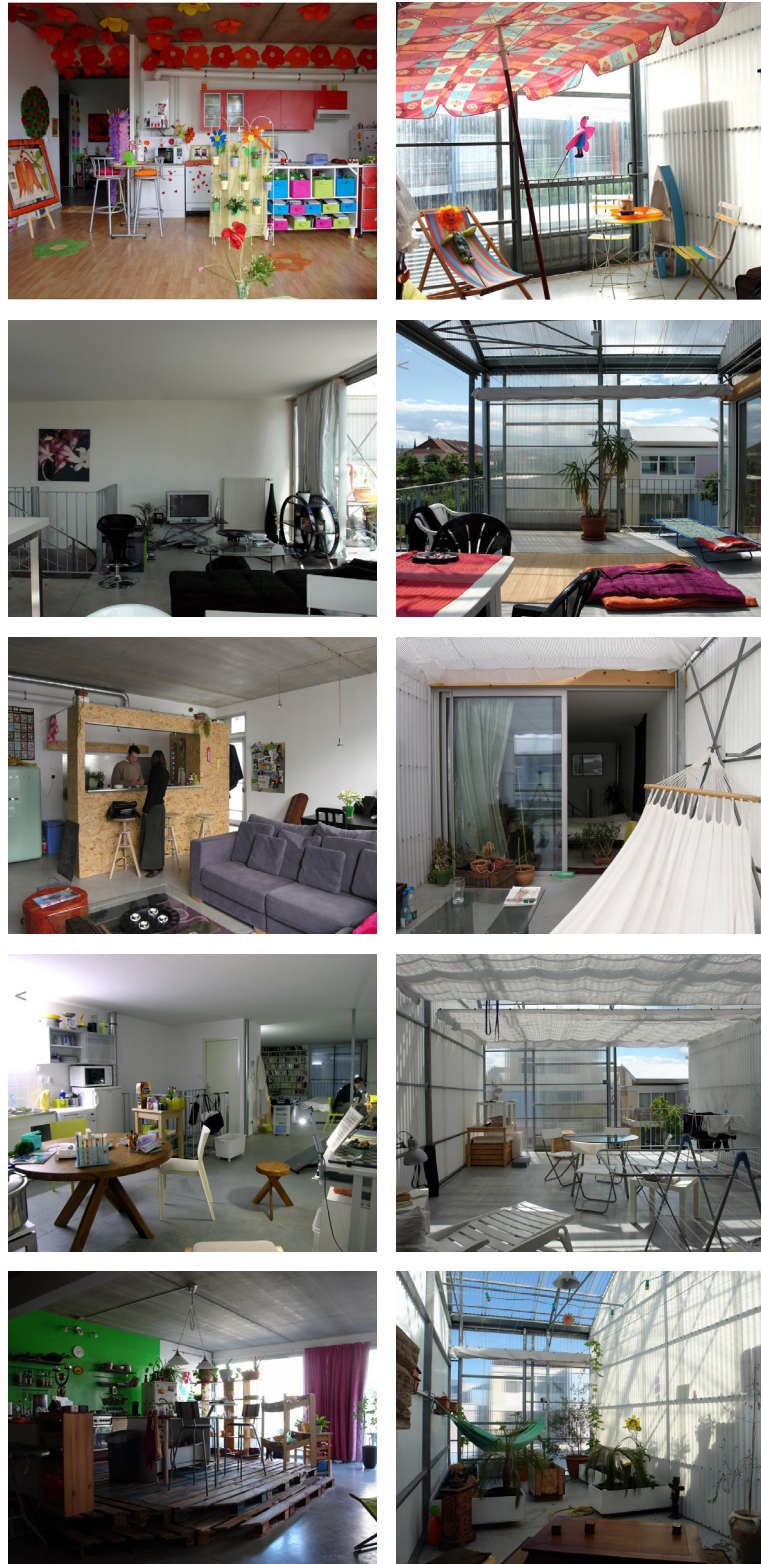


Fig.27 Lacaton & Vassal (fotografia e arquitectura), *Cité Manifeste*, Mulhouse, 2005 (arquitectura).

Espaço dos fantasmas

“Há, desde a entrada, um sentimento de tempo na casa materna. (...)

As coisas vivem como em prece, nos mesmos lugares onde as situaram as mãos maternas quando eram moças e lisas. Rostos irmãos se olham dos porta-retratos, a se amarem e compreenderem mudamente. O piano fechado, com uma longa tira de flanela sobre as teclas, repete ainda passadas valsas, de quando as mãos maternas careciam sonhar. A casa materna é o espelho de outras, em pequenas coisas que o olhar filial admirava ao tempo em que tudo era belo: o licoreiro magro, a bandeja triste, o absurdo bibelô. (...)

Pois a casa materna se divide em dois mundos: o térreo, onde se processa a vida presente, e o de cima, onde vive a memória.”⁸⁵

85. MORAES, V., «A casa materna» in *Para viver um grande amor, op.cit.*, p.49.

A Casa em Espera, que sempre esperou a chegada do futuro, foi ocupada pelo passado, pelo seu peso, pela sua memória. E a presença deste ganhou tal dimensão no espaço que a casa transformou-se em cenário, palco para uma acção ausente, em que as reminiscências passadas protagonizam todo o habitar da casa. Haverá assim espaço para acolher os novos construtores?

Fantasmas, presenças quase residuais, antigas marcas de corpos, de antigas gentes – construtores e viajantes do passado – habitam hoje o espaço através dos vestígios que deixaram para trás. Todas as salas da casa estão povoadas por retratos, fotografias de família, como sombras que habitam, imóveis, a nossa morada; observam silenciosamente cada gesto que fazemos e cada passo que damos. Gritam, em gritos mudos: *Intruso, esta é a nossa morada!* Partilhamos assim o espaço-casa com um outro *“habitante silencioso caminhando à frente dos nossos passos, dormindo na cama ao nosso lado”⁸⁶* e competimos com ele por um espaço para cohabitar.

86. PINA, M. A., «Talvez de noite» in *Como se desenha uma casa, op.cit.*, p.26.

Procuremos então encontrar o equilíbrio entre estes dois mundos em que se divide a casa materna, conscientes que *o térreo, onde se processa a vida presente*, tem vindo a ser anulado, encolhido, comprimido, pela dimensão *de cima, onde vive a memória*. Deste modo, e não querendo desprezar a importância da memória para construção actual da nova morada, o construtor terá agora como função abrir o espaço-presente, ampliando a sua dimensão, potência, criando espaço para a acção da vida presente do morador actual, corpo-real e presente, da casa.

Competimos assim por um espaço que seja capaz de dar casa ao que construímos, abrigo e aconchego, construção inacabada de um longo processo de projecto e de projectos. Todavia, não pretendemos com isto, decerto, fazer perder o *sentimento de tempo* presente na casa; ele faz parte da sua espacialidade, dá força às suas raízes e constrói hoje a base sólida em que apoiamos os pilares da nossa construção. Não queremos demolir as ruínas que encontrámos à chegada, mas sim nelas abrir novos espaços – nossos – dentro deste contentor de emoções passadas e presentes e, com isto, tornar possível o habitar de *“uma casa, ou um espaço em branco entre as palavras, ou uma possibilidade de sentido.”⁸⁷*

87. *Idem.*

*“Dir-se-ia antes uma casa,
um pouco mais alta que um império
e um pouco mais indecifrável
que a palavra casa; não fulge.*

*Em certas noites, porém,
sai de si e de mim
e fica suspensa lá fora
entre a memória e o remorso de outra vida.”*⁸⁸

88. PINA, M. A., «Relatório» in *Como se desenha uma casa*, op.cit., p.14.

89. *Idem.*

E, termina assim, com *“palavras mortas nunca pronunciadas e a agonia interminável das coisas acabadas.”*⁸⁹
Gritamos, agora nós, por gestos e por palavras, aos fantasmas dos retratos, reclamamos o retomar da viagem, da obra, construção contínua e, no entanto, inacabada. Espante-se a agonia, as palavras mortas; gritemos palavras vivas – *Casa!*

90. BRECHT, B., «Sobre o teatro do dia-a-dia» in *Poemas*, op.cit., p.277 .

91. ANDRÉ, J. M., *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço*, op.cit., p.39-40.

Finalmente, a construção à qual já chamamos casa, deixará de ser palco para a acção, suspensa no tempo, do que um dia foi o seu habitar e passaremos nós a assumir o protagonismo desta acção quotidiana e terrena, *teatro do dia-a-dia*⁹⁰ em que *“o actor ou o dançarino não dançam num espaço que lhes pré-existe, mas criam permanentemente espaço através dos seus gestos ou dos seus movimentos, como se o corpo se prolongasse num espaço criado e se desdobrasse continuamente em novos espaços.”*⁹¹



Fig. 28 Fotografia da autora, *Fanstasmas (1)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.



Fig. 29 Fotografia da autora, *Fanstasmas (2)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.



Fig.30 Pina Bausch (coreografia),
Blaubart, 1977.



Fig.31
1922.

Kathe Kollwitz, *The mothers*,



Fig.32 João Fazenda, Ilustração do livro
As coisas de Inês Fonseca Santos, 2002.

Os corpos e as coisas

*“Há em todas as coisas uma mais-que-coisa
fitando-nos como se dissesse: “Sou eu”,
algo que já lá não está ou se perdeu
antes da coisa, e essa perda é que é a coisa.”*⁹²

92. PINA, M. A., «As coisas» in *Todas as palavras, poesia reunida, op.cit.*, p.20.

A casa, ocupada pelos fantasmas do passado até à nossa chegada, está hoje repleta das coisas que deixaram para trás – objectos inanimados aos quais alguém, após a partida dos antigos construtores, atribuiu significado. Essas *coisas*, mortas, parecem ganhar vida própria, como se pudessem hoje, de algum modo, continuar a presença interrompida dos que por cá passaram. Talvez seja próprio da natureza humana este atribuir de significado, esta *mais-que-coisa* às coisas que nos rodeiam. E, talvez, do mesmo modo, o façamos às nossas casas, transformando-as em *mais-que-casas*.

Todavia, com a chegada dos novos moradores, as coisas parecem voltar ao seu estado original de coisas-mortas, coisas-apanas-coisas, insignificantes acumuladores de pó e teias de aranha, ocupando espaço fundamental à instalação dos novos corpos-presentes. Inicia-se então uma disputa entre as coisas-passadas e os corpos-presentes, entre novos moradores e a memória de moradores passados, disputando um mesmo espaço, uma mesma morada.

Sempre que entrávamos na Casa em Espera, ficávamos com a sensação de que alguém, que aqui vivia, um dia teria saído à pressa, sem tempo de levar consigo as suas coisas-queridas. Se não soubéssemos, diríamos que os moradores da casa tinham ido de férias e regressariam a qualquer momento.

Na verdade, sabíamos o motivo de ainda encontrarmos em cima da mesa as agulhas de croché da avó; na cabeceira do quarto ainda estava a cigarreira em prata, e as revistas – insistentemente pousadas em cima da mesa, já haviam perdido a conta aos anos. A morte atribui significado às coisas; torna-as *mais-que-coisas*, por terem sido tocadas por alguém que já não vemos. “*E acabaríamos necessariamente assim, mortos inventariando mortos.*”⁹³

93. PINA, M. A., «O quarto» in *Como se desenha uma casa, op.cit.*, p.18.

Além das coisas eminentemente presentes na casa, também nós, tal como todos os viajantes inexperientes, trazíamos bagagens sobre-dimensionadas; também nós, com o tempo, nos transformamos em acumuladores de coisas, às quais atribuíamos os nossos próprios significados – lembranças de outras viagens, memórias físicas de outras moradas. Chegámos à casa carregados das nossas *mais-que-coisas*, apegados a elas como quem “*embala um remorso*”⁹⁴, conscientes de não estarmos dispostos a abandoná-las à entrada. Porque os novos moradores têm as suas próprias expectativas em relação à casa – espera-se que ela nos receba de braços abertos, abrindo em si espaços para nós, cansados viajantes, e para a nossa bagagem.

94. PINA, M. A., «Como se desenha uma casa» in *Como se desenha uma casa, op.cit.*, p.9.

Como podia a casa receber-nos, então, de janelas e portas fechadas, trancadas por dentro, escondidas as chaves, no meio de tantas outras coisas para nós sem sentido?

Vindos de outras moradas trazíamos connosco todas aquelas coisas que nos pareciam essenciais ao nosso habitar – a mesa onde comemos, a outra onde trabalhamos, caixas e caixas (e mais caixas) de roupa, livros, revistas, papéis, desenhos, postais, sapatos, fotografias, painéis e tachos, colchão e cama – tudo isto essencial; Todas as coisas, essenciais. Cuidadosamente descarregadas e empilhadas na garagem.

Trouxemos connosco também os nossos corpos, cansados, da mudança, da viagem, das caixas e das próprias coisas; corpos essenciais. Cuidadosamente deitados na velha cama da nova casa.

95. PINA, M. A., «[Uma casa]» in *Todas as palavras, poesia reunida, op.cit.*, p.354.

Assim, “*perde-se o corpo na inabitada casa das palavras*”⁹⁵ entre coisas e *mais-que-coisas*; corpos-presentes, recém chegados, vindos de outras moradas, outras viagens; e corpos-ausentes, que vivem apenas através da memória, das coisas e das marcas deixadas, porque “*a construção da obra é também uma reconstrução do corpo*.”⁹⁶

96. ROSA, A. R., *O Aprendiz Secreto, op.cit.*, p. 29.

Para abrir espaço para os corpos, esses sim absolutamente indispensáveis por não nos podermos desfazer deles, ambas as partes envolvidas neste processo abdicam de coisas – nós, por um lado, aceitamos deixar na garagem, a tempo indefinido, parte da nossa bagagem, parte das memórias das viagens passadas e das nossas casas-mortas; a casa, por seu lado, abre mão das suas coisas-apenas-coisas para nós, mas *mais-que-coisas* para alguém, “*de tal modo que o interior da construção adquira a lenta espessura da temporalidade e límpida vivacidade de cada instante*”⁹⁷

97. ROSA, A. R., *O Aprendiz Secreto, op.cit.*, p. 23.

“*Pois que faria eu com tanto Passado
senão passar-lhe ao lado,
deitando-lhe o enviesado
olhar da ironia?*”⁹⁸

98. PINA, M. A., «Neste preciso tempo, neste preciso lugar» in *Todas as palavras, poesia reunida, op.cit.*, p.252.



Fig.33 João Fazenda, Ilustração do livro
As coisas de Inês Fonseca Santos, 2002.



Fig.34 Anton Corbijn, Fotografia de Tom Waits, Dilon Beach, California



Fig.35 Luis Buñuel, Salvador Dali, *Un chien andalou*, 1928



Fig.36 Fotografia da autora, *Mudar-se: as coisas*, Porto, 2014.

Espaço do tempo

*“E a dimensão ou as dimensões do tempo abrem novas dimensões no espaço, por dentro do espaço, mais uma vez contribuindo para a sua extensão, dilatação ou contracção. O espaço pode assim ser contraído por um tempo curto, como é o tempo de um suspiro, ou ser dilatado por um tempo longo, como é o tempo do amor. Mas, sobretudo, o espaço pode ser ampliado pelo tempo do passado, abrir-se pelos seus corredores, pelos seus subterrâneos e pelos seus labirintos. Ou pode ser ampliado pelo futuro, pela sua novidade, pela sua criatividade, pelo seu espanto. O espaço ampliado pelo tempo do passado é o espaço criado pela memória. (...) O espaço ampliado pelo tempo do futuro é o espaço da imaginação, pois a imaginação é a capacidade de criar continuamente novos espaços e novas figuras no espaço. O espaço da memória é o espaço da narrativa, das nossas narrativas e das narrativas dos outros. O espaço da imaginação é o espaço da esperança e da utopia: o espaço novo num novo espaço. Os nossos espaços são sempre espaços cruzados pelos tempos: espaços da memória e espaços da imaginação, espaços das raízes e espaços da viagem, espaços do passado e espaços do futuro.”*⁹⁹

99. ANDRÉ, J. M., *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço*, op.cit., p.73-74.

Viver (n)a casa é sempre situá-la numa condição intermédia entre os espaços do passado e os do futuro. Condição de constante insatisfação, entre aquilo que já não está e o que ainda não esteve, entre os que já partiram e os que ainda não chegaram, entre aquilo que já foi e o que ainda poderá ser. A casa do presente, aquela em que habitamos hoje, acaba suspensa entre narrativas passadas e utopias futuras, vendo o seu espaço ampliado ou encolhido por dimensões temporais passadas ou futuras. A casa-presente é assim esquecida, entre tanto tempo e tanto espaço.

Por isso o construtor foca-se na difícil tarefa de aprender a viver a casa-presente, por entre a sobreposição de tempos e espaços, e a constante construção inacabada.

Apenas assim este poderá habitar a espessura do tempo, ou seja, o *espaço do tempo*, nas suas dilatações e contracções constantes, sem se perder pelos labirintos abertos pela imaginação, utopia futura, ou pela memória, narrativa passada.

*“Oh as casas as casas as casas mudas testemunhas da vida”*¹⁰⁰.

100. BELO, Ruy, «Oh as casas as casas as casas» in *Todos os poemas*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2000.

Porque o tempo-presente é o mais curto dos tempos, o mais fugaz e fugidio, mas também o mais real, ele é o tempo que ainda não foi contaminado pela incerteza da memória ou pela liberdade da imaginação, por isso, nele o construtor encontra a mais verdadeira forma de habitar o espaço-casa que cria, recria e transforma a cada momento-presente.

Todos os dias fazemos alguma coisa na casa, da eternidade de coisas que têm que ser feitas, mas que sempre demoram mais. A luz do corredor fundiu; os candeeiros tinham vindo de França há pelo menos três décadas atrás, e levavam uma lâmpada especial sem rosca absolutamente impossível de encontrar. Portanto, o corredor ficou às escuras.

Todos os dias reclamávamos por ainda não termos mudado o candeeiro do corredor. Todos os dias nos irritávamos ao carregar inutilmente no interruptor ao cimo da escada. Todos os dias vivíamos no amanhã, quando voltássemos a ter luz no corredor.

Até que chegou o dia em que o candeeiro foi mudado. E já não nos lembramos mais de acender a luz, no interruptor ao cimo da escada.

Agora reclamamos por outros amanhãs, de outras coisas que ficaram por fazer.

Isto do espaço, do habitar e viver um espaço, é algo que para nós, habitantes do dia-a-dia, se assemelha às ações involuntárias que praticamos inconscientemente, como o pestanejar ou o bocejar. Porém, o tempo, esse sim, passa-nos ao lado, a ponto de não sermos capazes de habitar a sua espessura com a mesma facilidade com que praticamos o espaço-casa. A verdade é que “*o espaço parece estar mais domesticado ou ser mais inofensivo do que o tempo: onde quer que vamos encontramos gente que usa relógio, mas é muito raro encontrar alguém com uma bússola.*”¹⁰¹

101. PEREC, G., «Medidas» in *Especies de espacios*, op.cit., p.127.

Assim, o Espaço do tempo, este que habitamos na dimensão presente, momentânea, do espaço-casa, é o habitar deste “*binómio, de duas condições contrapostas mas complementares e inseparáveis, porque uma realidade não pode ser explicada, nem sequer pensada, sem requerer a presença desta dupla ideia*” do espaço e do tempo.

102. FONSECA SANTOS, Inês, *Regressar a casa com Manuel António Pina*, op.cit.p.13.

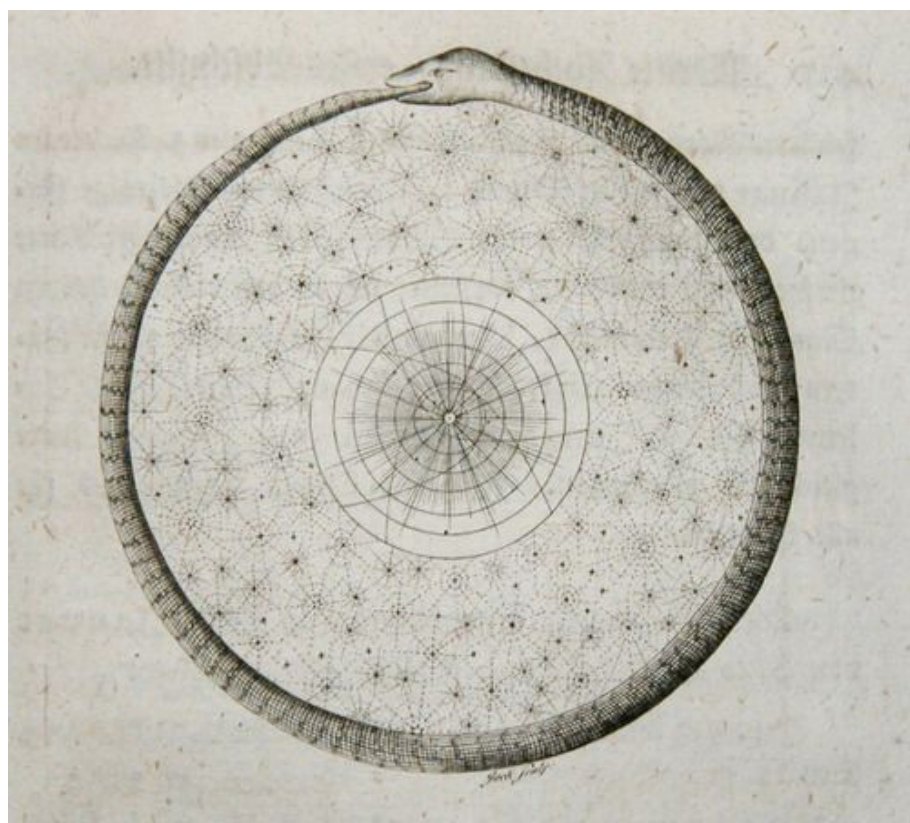
O construtor tem noção da fragilidade deste espaço não contaminado pelo esquecimento ou pela imaginação¹⁰², com a consciência de que “*os meus espaços são frágeis: o tempo irá desgastá-los, irá destruí-los: nada se parecerá já com o que era, as minhas recordações me atraindoarão, o esquecimento se infiltrará na minha memória, olharei para algumas fotos amareladas com os cantos rasgados sem as poder reconhecer. (...) O espaço desfaz-se como a areia que desliza entre os dedos. O tempo leva-o e apenas me deixa uns quantos pedaços informes.*”¹⁰³

103. PEREC, G., «O espaço (continuação e fim)» in *Especies de espacios*, op.cit., p.139-140.



Fig.37 Richard Long, Ilustração do livro *Dartmoor*, 2006, in Diogo Silva, *Ideologia e desencanto: vocação política da arquitectura em Manfredo Tafuri*, Porto, Faup, 2014.

Fig.38 Ouroboros, Símbolo da Mitologia
Grega.



Louvor do esquecimento

*“Bom é o esquecimento.
 Senão como é que
 O filho deixaria a mãe que o amamentou?
 Que lhe deu a força dos membros e
 O retém para os experimentar.
 Ou como havia o discípulo de abandonar o mestre
 Que lhe deu o saber?
 Quando o saber está dado
 O discípulo tem de se pôr a caminho.
 Na velha casa
 Entram os novos moradores.
 Se os que a construíram ainda lá estivessem
 A casa seria pequena de mais.
 (...)
 A fraqueza da memória dá
 Fortaleza aos homens.”*¹⁰⁴

104. BRECHT, B., «Louvor do esquecimento» in *Poemas, op.cit.*, p.464.

Chegada a hora da despedida do passado, o construtor e a casa fazem luto às suas memórias, recebendo por fim o esquecimento, que trará fortaleza não só aos homens, mas também à sua construção.

Sim, o passado serviu-nos como suporte, pilar, estrutura invisível que sustenta a construção; até na tela em branco existe já alguma coisa, mais não seja a própria tela, um tecido sobre uma estrutura de madeira que dá morada à criação artística do pintor. Não rejeitaremos a sua existência, nem a sua importância; o passado está e estará sempre presente na nossa construção. Porém, não habitaremos nele, mas sim com ele. Ele passará assim a ser um habitante mudo e invisível, que não nos assombrará, do mesmo modo que entre os tijolos das nossas paredes habita um esqueleto esquecido em ferro e cimento.

A pouco e pouco as molduras preenchidas por retratos amarelados deixaram de povoar as salas da nossa casa. Os velhos móveis ganharam a merecida reforma e as janelas e portas voltaram a ser abertas. Algumas coisas ganharam vidas novas, outras foram finalmente esquecidas.

Sacudindo o pó da velha casa, sentimos que finalmente voltávamos a respirar; “*ó vida simples problema de respiração*”¹⁰⁵.

105. BELO, Ruy, «Oh as casas as casas as casas», *op.cit.*

Compreendemos a necessidade da mudança, apenas possível através da reconciliação da casa com o tempo presente. Pois a casa que habitamos e construímos não pode alimentar-se de vidas passadas. Tal como tivemos que abandonar as nossas antigas casas, agora “mortas”, a nova morada terá que dizer adeus aos seus primeiros construtores, abrindo espaço ao nosso habitar.

Sabemos, porém, que o peso do passado, a sua prologada presença na nossa morada, não será fácil de silenciar. Durante muito tempo, a casa ausentou-se da vida quotidiana para tornar-se museu, homenagem aos antigos construtores, homenagem a vidas passadas. Encontrámos uma velha casa, uma casa velha, exausta e cinzenta, cenário para acções-mortas, rendida ao passar do tempo. “*Ao se afastarem os móveis, as paredes deixaram cair pregos, abriram rachas, mostraram, pudicas, as manchas. (...) Paredes, estais hoje mais velhas do que nós. O branco, demasiado aberto, não vos assenta bem.*”¹⁰⁶

106. FONSECA SANTOS, Inês, «A Habitação de Jonas», *op.cit.*

Comprendemos então a necessidade do esquecimento. “*Eu sei, é preciso esquecer, (...) Porém como esquecer? Com que palavras e sem que palavras?*”¹⁰⁷ Como pode o construtor ser capaz de silenciar as vozes do passado, vozes essas que tal como ele, um dia, fizeram vida do espaço-casa?

107. PINA, M. A., «Os mortos» in *Todas as palavras, poesia reunida, op.cit.*, p.306.

No corrimão, ao cimo das escadas, discretamente colocados, encontramos dois furos. Do outro lado, na parede, timidamente, mais um. Um dia, há muitos anos, as mãos paternas cuidadosamente ali puseram uma cancela, pintada de preto, para proteger o mais novo construtor dos perigos das escadas.

108. MORAES, V., «A casa materna» in *Para viver um grande amor, op.cit.*, p.49.

Sabemos: “*há, desde a entrada, um sentimento de tempo na casa materna.*”¹⁰⁸ E esse sentimento de tempo, de vida, passado e memória, não deixará de existir na casa. A diferença será que passaremos a fazer parte desse tempo, desse passado. Ajudaremos a construí-lo para que sustente, mais tarde, construções futuras. Porque um passado inabitado, postiço e congelado, como o que encontramos à chegada, o passado museológico, é um tempo incapacitante. “*Tudo isto (eu sei) é antigo e repetido; fez-se tarde no que pode ser dito.*”¹⁰⁹

109. PINA, M. A., «Os mortos» in *Todas as palavras, poesia reunida, op.cit.*, p.306.

110. BRECHT, B., «Louvor do esquecimento» in *Poemas, op.cit.* p.464.

“*Bom é o esquecimento*”¹¹⁰, sim, do passado que limita o gesto construtivo, que impede a criação de espaços vivos e que contrai o espaço ao mínimo da sua potência. Desse passado, já Manuel António Pina nos advertia na construção da sua casa: “*Protege-te delas, das recordações, dos seus ócios, das suas conspirações*”¹¹¹. Esse passado que tanto difere “*da ténue, mas viva, obsidiante memória*”¹¹², por ser viva, tem a capacidade de se transformar em material de construção para o futuro, para futuras construções.

111. PINA, M. A., «Como se desenha uma casa» in *Como se desenha uma casa, op.cit.*, p.9.

112. RÉGIO, José, *Toada de Portalegre, op.cit.*

*Na velha casa
Entram os novos moradores.
Se os que a construíram ainda lá estivessem
A casa seria pequena de mais.*¹¹³

113. BRECHT, B., «Louvor do esquecimento» in *Poemas, op.cit.* p.464.



Fig. 39 Julie Laurin, *Atlântida*, Performance integrada no evento *Walk&Talk* Azores, Fotografia de Jorge (Artur) Alves, Açores, 2015

Casa-função, Casa-espaço

As casas da casa
Potência-espaço

“Em várias ocasiões dediquei-me a pensar num apartamento onde existisse uma peça inútil. Não se tratava de uns arrumos, não era um quarto suplementar, nem um corredor, nem um casebre, nem um recanto. Seria um espaço sem função. Não serviria para nada, não seria remetido a nada.

(...) Um espaço sem função. Não «sem função precisa», mas sim precisamente sem função; não pluri-funcional (isso toda a gente sabe fazer), mas sim a-funcional. (...) Um espaço que não serviria para nada.

(...) Mas não queria nada inutilizável, nem também nada inutilizado, mas algo que fosse inútil. Como prescindir das funções, dos ritmos, dos costumes? Como prescindir da necessidade?”¹¹⁴

114. PEREC, G., «De um espaço inútil» in *Especies de espacios*, op.cit., p.59-61.

As casas da casa

“Um quarto é uma peça em que existe uma cama; uma sala de jantar é uma peça em que existe uma mesa e cadeiras e, frequentemente, um aparador; uma sala é uma peça em que existem uns sofás e uma poltrona; uma cozinha é uma peça em que existe um fogão e uma torneira; uma casa de banho é uma peça em que existe uma torneira por cima de uma banheira (...); uma entrada é uma peça em que pelo menos uma das portas dá para o exterior do apartamento; um quarto de crianças é uma peça onde está uma criança; um arrumo é uma peça onde se arrumam as vassouras e o aspirador; um quarto de hóspedes é uma peça que se aluga a um estudante.

(...) Seria fácil imaginar um apartamento cuja disposição responderia, já não somente a actividades quotidianas, mas sim a funções de relações (...). Faria falta, sem dúvida, um pouco mais de imaginação para representar-se um apartamento cuja disposição estivesse fundada sobre funções sensoriais.”¹¹⁵

115. PEREC, G., «O apartamento» in *Especies de espacios*, op.cit., p.53-57.

A casa, na sua primeira construção, tinha sido pensada de modo a que determinados espaços cumprissem determinadas funções – funções óbvias, condicionadas grandemente pelo mobiliário que os ocupava. Assim, as *peças* compostas por paredes, chão e tecto, móveis e rotinas, cumpriam silenciosamente as funções que lhe haviam sido destinadas. A casa vivia assim sem a inquietação da possibilidade.

116. *Idem.*

Porém, na casa-mãe, casa real, tudo isto se mistura dentro das suas relações mestiças – “*uma cozinha é uma peça em que existe um fogão e uma torneira*”¹¹⁶ sim, mas é também onde se reúnem à mesa os construtores, é onde os olhos, cansados, viajam entre as pequenas letras do jornal, onde se assiste ao jogo do Benfica e onde se processa o dia-a-dia da Casa em Espera. Porque uma casa não pode ser pensada longe do todo da vida que contém, pois a casa-materna é sempre contentor de vidas, de novas e velhas gentes.

Apesar de ter sido pensada como uma dupla casa, numa duplicação de espaços-função (duas cozinhas, duas salas, duas casas de banho, etc.), nunca existiu na casa um total descolamento da típica organização funcional. Assim, as duas casas, a de cima e a de baixo, cruzavam-se e sobrepunham-se. Eram duas casas em separado, porém todos os quartos foram localizados no piso de cima. – Assim dizia a regra.

Contudo, e como em todas as casas reais, a vida sobrepõe-se à regra, quando chegou a velhice e as escadas começaram a ser um obstáculo demasiado duro para fazer parte do percurso do corpo cansado ao final do dia, o quarto dos avós ocupou uma das

peças do andar de baixo, desocupando uma das peças do andar de cima.

Apenas com a nossa chegada essa peça voltou a ser ocupada.

No Alentejo, nossa morada, a estas *peças* chamam-lhe *casas*. Aqui encontramos casas com muitas *casas*, casas com poucas *casas*, casas com grandes *casas* e casas com *casas* pequenas. Assim a casa é composta por *casas*, pelas *casas* que tem, e também pelas casas que foi.

Entendemos então a casa como algo em constante mutação, transformado e modificado ao longo do tempo da sua construção, em que se alteram as *casas*, e a casa, também, tomando diferentes usos e configurações, albergando diferentes quotidianos. Deste modo não faz sentido pensar a casa enquanto ser-funcional, contentor de dispositivos determinadores de acções mecanizadas do acto de habitar, mas sim pensá-la enquanto suporte de usos, acções e emoções e enquanto espaço potenciador do hábito e do habitar. Porque pensar a morada à luz do olhar estritamente funcional do espaço é a anti-potência do espaço-casa; se cada *peça*, cada *casa*, estiver totalmente determinada pela função que lhe foi atribuída a potência deste espaço é anulada. Viveria assim o construtor encarcerado numa construção estéril de possibilidades, de usos e, eventualmente, de emoções.

*“«Não te curves senão para amar», aconselhava o poeta René Char. O que poderá fazer então o arquitecto? De um modo simples: medir o espaço; tirar o medo ao espaço de modo que a resultante seja o edifício sobre o qual os homens e as mulheres digam, entre si, alto: lá dentro curvo-me apenas por amor.”*¹¹⁷

A Casa-função tem todas as peças necessárias ao habitar contemporâneo, e nenhuma peça inútil, livre, aberta. Todas as peças se encerram na sua própria condição funcional. O espaço está simultaneamente encolhido e ampliado no total da sua capacidade, impossibilitando a abertura de novos espaços, de novas potências, e principalmente de novos usos. É a casa em que as suas ruínas foram completamente demolidas para não ocupar espaço¹¹⁸. Assim, a casa-função é espaço estático.

*“Por exemplo, não tenho nada contra espaços que não tenham função específica. Sabemos que, antigamente, quando se alugava uma casa, muitas vezes se mudava a sala para o quarto e o quarto para a sala; e o próprio agregado familiar ia fazendo as suas opções. Hoje em dia, tal como estão destinadas as coisas, por razões que certamente não são culturais, o sistema determina que a sala é a sala – com trinta metros quadrados e uma lareira, que o quarto é o quarto de casal – com uma casa de banho apensa, tipo suite de hotel. E as pessoas vão para lá morar e vão ficando domesticadas e inertes. Acabaram-se os grandes vestíbulos e outros espaços valiosos.”*¹¹⁹

117. M. TAVARES, Gonçalo, «Arquitectura, natureza e amor», Opúsculo 14, Dafne, Porto, 2008.

118. “Uma casa é as ruínas de uma casa”, PINA, M. A., «Como se desenha uma casa» in *Como se desenha uma casa; op.cit.*, p.9.

119. FIGUEIREDO, Vitor, «Tempo e dinheiro» in *Fragments de um discurso*, Circo de Ideias, 2012, p.82.

Por sua vez, a Casa-espaço é a potência para vários espaços, possibilidades e usos. É um espaço com a elasticidade necessária para ser ampliado e encolhido por outros tempos e construtores. É o espaço do uso, por oposição à função; o espaço para usar, espaço-usado, em vez do espaço-funcional. A Casa-espaço abre espaços em si mesma, acolhe os novos moradores, preserva as suas ruínas dando força às novas construções. “*Não se tenta reduzir a habitação a uma determinação funcional ou desenvolver arquitecturas “inteligentes” pseudo-adaptativas, mas apenas acrescentar espaço e esperar pelo tempo e pelo uso para que o que é um projecto se torne uma vida.*”¹²⁰

120. PEREIRA, Godofredo, «Da sustentabilidade à ecologia radical» in *Detritos'02: Criações singulares*, Novembro, 2008, p.32.

A Casa-espaço não precisa de mesa, “*ponha os pratos no chão e o chão está posto*”¹²¹.

121. BUARQUE, Chico, «Feijoada Completa», in *Chico Buarque* (álbum), Universal Music, 1978.

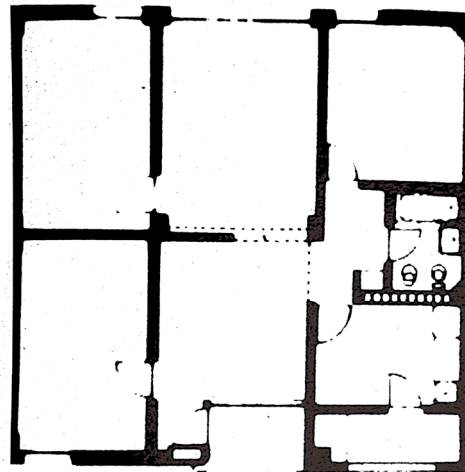


Fig.40 Vitor Figueiredo, *Planta de um fogo* (Chelas), 1973

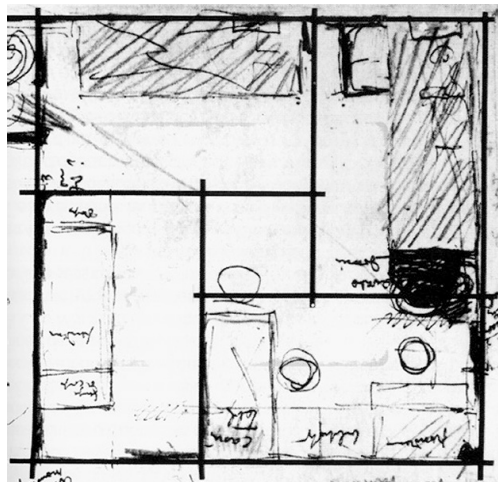


Fig.41 Le Corbusier, *Cabanon*, 1951



Fig.42 Le Corbusier, *Desenho para o Projecto Wanner*, 1928.



Fig.43 João Fazenda, Ilustração do livro
As coisas de Inês Fonseca Santos, 2002.

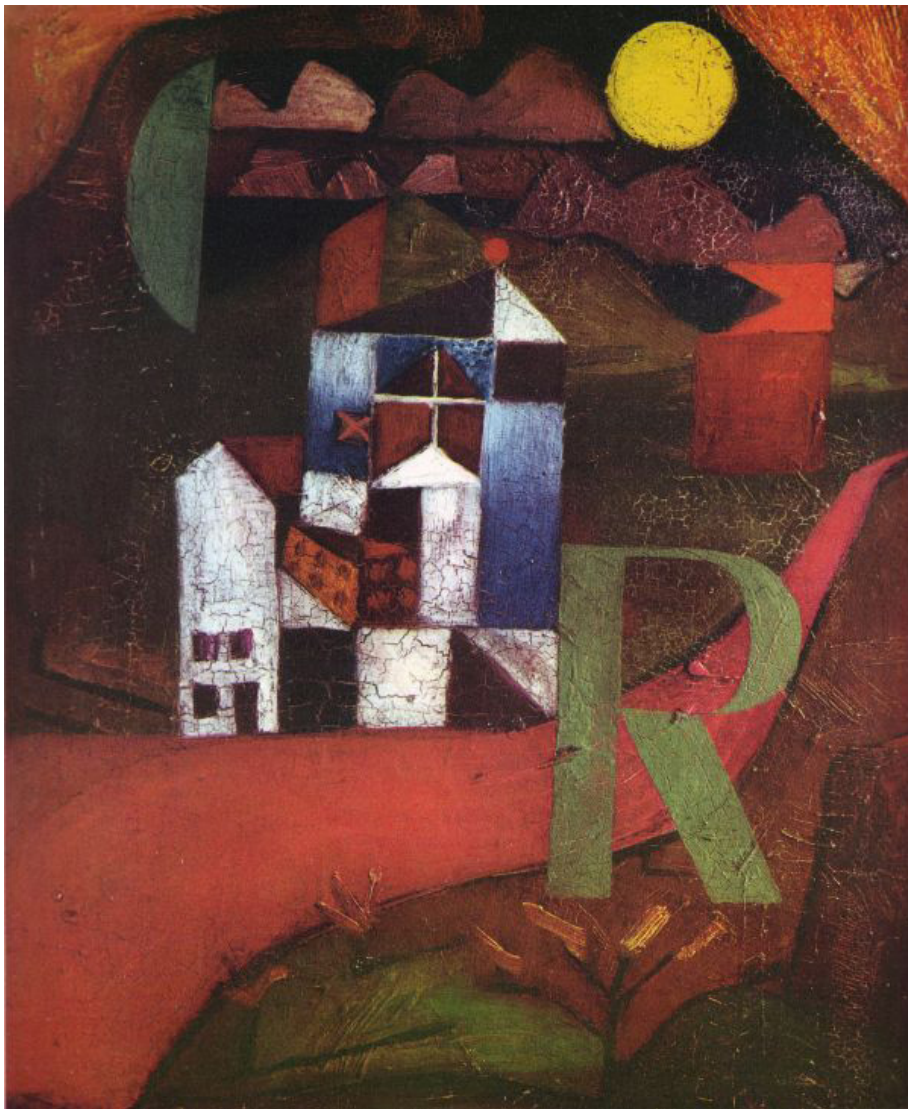


Fig.44 Paul Klee, *Villa R*, 1919.



Fig.45 Fotografia da autora, *Espaço (in) útil*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2015.

Potência-espço

“(...) o actor ou o dançarino não dançam num espaço que lhes pré-existe, mas criam permanentemente espaço através dos seus gestos ou dos seus movimentos, como se o corpo se prolongasse num espaço criado e se desdobrasse continuamente em novos espaços.

Mas também a arquitectura não é apenas a arte da organização do espaço, mas a arte da criação do espaço através do próprio acto da criação de lugares. (...) Um nicho numa parede, mesmo um muro ou um edifício que se ergue numa praça, mais do que organizações do espaço são criações de espaço e de sentidos ou novos sentidos dentro do espaço. Janelas, portas, corredores, cantos, colunas, escadas e divisões são formas, mais uma vez não apenas no sentido de aparências exteriores, mas no sentido de freixes de forças, que dinamizam o espaço, são complexos de móveis que o actuam, são nós de energia que o conflituam e, por esse motivo, contribuem para transformar, no sentido em que Michel de Certeau o afirmava, um lugar num espaço, praticando-os já de algum modo, antes mesmo de os corpos e os olhares o praticarem de um modo mais intenso e vibrátil.”¹²²

122. ANDRÉ, J. M., *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço*, op.cit., p.39-40.

Compreender a potência do espaço é, deste modo, o gesto inaugural do projecto. Por isso, assim fechamos o nosso tempo presente, fazendo a passagem para o habitar-futuro desta nossa construção. Porque o projecto é sempre parte de um tempo-futuro, reconhecimento da potência-espço, ou espaço em potência, imaginando-o em novas configurações e novos usos, atribuindo-lhe a capacidade de se renovar *“pela sua novidade, pela sua criatividade, pelo seu espanto. (...) O espaço ampliado pelo tempo do futuro é o espaço da imaginação, pois a imaginação é a capacidade de criar continuamente novos espaços e novas figuras no espaço. O espaço da imaginação é o espaço da esperança e da utopia: o espaço novo num novo espaço.”*¹²³

123. *Idem*, p.73-74.

Assim, entendemos o projecto como a criação destes novos espaços através da imaginação de um espaço-futuro, concretização de um espaço-potência. Cabe, então, ao papel do construtor, habitante, viajante e, também agora, arquitecto, a capacidade de actualizar o espaço-casa, levando-o à realização da sua potência. *“(...) algo está em potência quando, polarizado por uma forma que o pode actualizar, ainda não chegou à realização ou actualização dessa forma.”*¹²⁴

124. *Idem*, p.25.

No quarto que um dia foi do pequeno filho, hoje já não tão pequeno, existia uma grande cama, com uma grande cabeceira, um grande móvel, que engolia o pequeno quarto. Mais ao fundo do corredor, no antigo quarto dos avós, existia uma futura sala, onde existiria uma futura televisão, que iria ocupar um futuro móvel.

Agora, à nossa direita, para lá do sofá, uma passada cabeceira, de uma passada cama, de um passado quarto, de um

passado filho, transformou-se em móvel presente, para a presente televisão, na presente sala; No presente quarto, a presente cama descansa sozinha.

É a partir desta capacidade do construtor de transportar o espaço-presente para um tempo-futuro, de uma possível concretização da sua potência, que encontramos a origem do processo de transformação, de retoma da construção e de actualização do espaço-casa. Assim, é neste processo apoiado no ideal-futuro, imaginação e esperança, que iniciamos o projecto, na abertura de um espaço-possível, irreal e autónomo, pois na verdade ele não pode existir no tempo-presente, nem ser dependência da realidade, por se tratar sempre da abstracção do que poderá vir ser a realidade-futura do espaço-casa.

Falar da potência-espaço é, então, falar da potência imaginativa do construtor, que ao olhar para o espaço, para a *peça*, para a *casa*, é capaz de ver aquilo que ainda não está – visualizar a ainda ausente transformação “*antes mesmo de os corpos e os olhares o praticarem de um modo mais intenso e vibrátil.*”¹²⁵

125. *Idem*, p.39-40.

Na marquise do andar superior, que primeiramente fora varanda, os antigos construtores mandaram construir uma chaminé. Virada a norte, a luminosa sala-marquise-varanda-cozinha, que sofria dos rigores do inverno, poderia então tornar-se o *ex libris* da casa nas noites mais frias.

Até à data de hoje a chaminé nunca teve uso, para além da exaltação da sua existência, aquando da sua construção, com o arder de uma única folha de jornal amachucada. A antecipação do que poderia vir a ser aquele espaço foi o suficiente para alegrar a mente dos construtores.

Assim, o calor não veio nunca do fogo na chaminé, mas da certeza da força da sua intervenção.

É com isto que partimos para o projecto, alcançando, finalmente, o tempo-futuro da nossa morada. A consciência do passado ensina-nos a encontrar, no presente, a base para o projecto futuro – construído sobre as viagens e memórias passadas, capaz de ver para além do imediato, do óbvio, do presente. Construímos então um projecto não consumível no instante, mas sim uma projecção futura de combustão lenta, construção lenta, respeitando o tempo dos homens e das casas.

Procuramos um projecto capaz de ser moldado pelas mãos que o constroem, que o habitam, que o praticam; capaz de se adaptar, regenerar e actualizar a cada instante; capaz de compreender a modéstia das casas e dos homens.

“Quanto tempo
Duram as obras? Tanto
Quanto o preciso pra ficarem prontas.
Pois enquanto dão que fazer
Não ruem.”¹²⁶

126. BRECHT, B., «Sobre a construção das obras duradouras» in *Poemas*, *op.cit.* p.362.

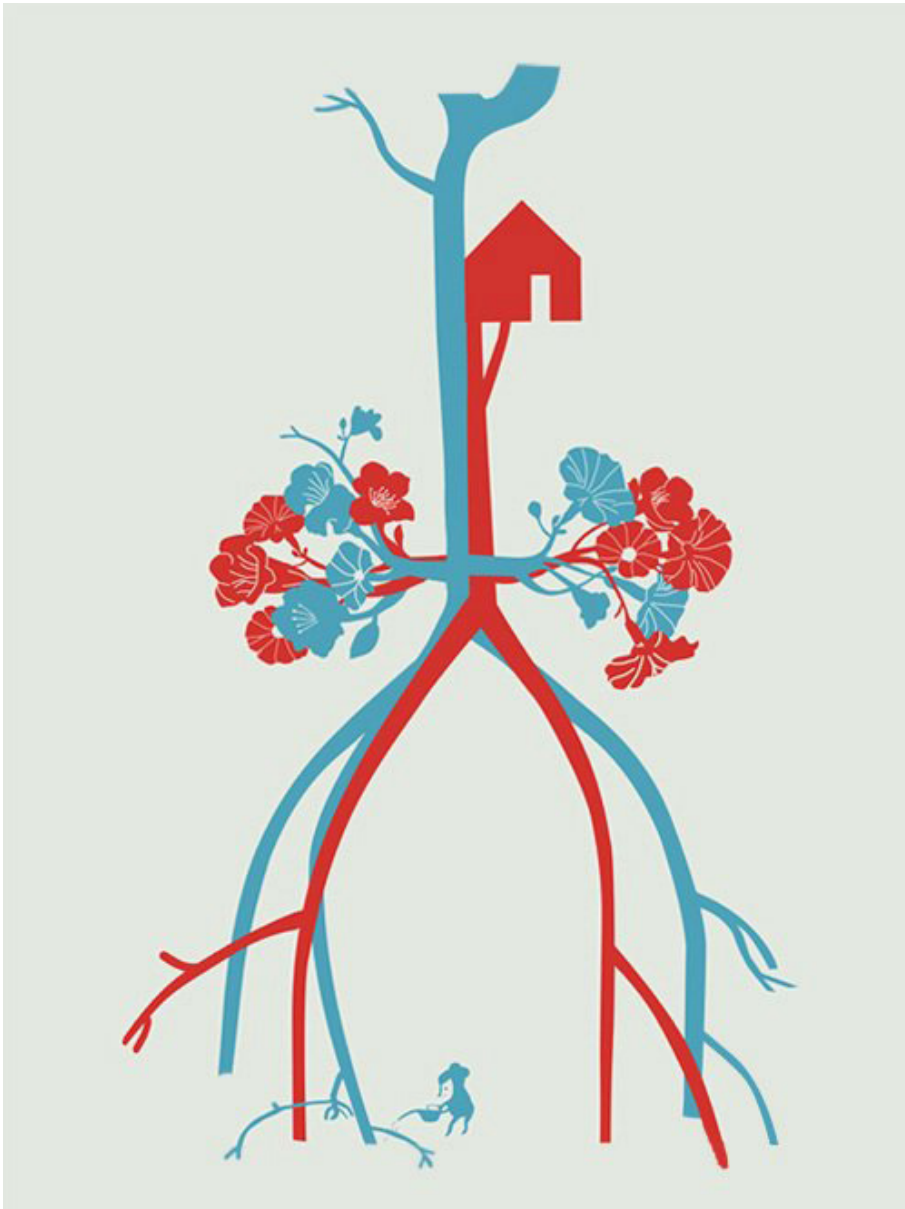


Fig.46 Ana Ventura, *Take-care*, 2012.

III. Futuro

Sobre a construção das obras duradouras

Espaço-possível
Espaço-do-possível

*“Quanto tempo
Duram as obras? Tanto
Quanto o preciso pra ficarem prontas.
Pois enquanto dão que fazer
Não ruem.*

*Convidando ao esforço
Compensando a participação
A sua essência é duradoura enquanto
Convidam e compensam.*

*As úteis
Pedem homens
As artísticas
Têm lugar pra arte
As sábias
Pedem sabedoria
As destinadas à perfeição
Mostram lacunas
As que duram muito
Estão sempre pra cair
As planeadas verdadeiramente em grande
Estão por acabar.*

*Incompletas ainda
Como o muro à espera da hera
(Esse esteve um dia inacabado
Há muito tempo, antes de vir a hera, nu!)*
*Insustentável ainda
Como a máquina que se usa
Embora já não chegue
Mas promete outra melhor.
Assim terá de construir-se
A obra pra durar como
A máquina cheia de defeitos.”¹²⁷*

127. BRECHT, B., «Sobre a construção das obras duradouras» in *Poemas, op.cit.* p.362.

Espaço-possível

*“Primeiro abre-se a porta
por dentro sobre a tela imatura onde previamente
se escreveram palavras antigas: o cão, o jardim impresente,
a mãe para sempre morta.*

*Anoiteceu, apagamos a luz e, depois,
como uma foto que se guarda na carteira,
iluminam-se no quintal as flores da macieira
e, no papel de parede, agitam-se as recordações.*

*Protege-te delas, das recordações,
dos seus ócios, das suas conspirações;
usa cores morosas, tons mais-que-perfeitos:
o rosa para as lágrimas, o azul para os sonhos desfeitos.*

*Uma casa é as ruínas duma casa,
uma coisa ameaçadora à espera de uma palavra;
desenha-a como quem embala um remorso,
com algum grau de abstracção e sem um plano rigoroso.”¹²⁸*

128. PINA, M.A., «Como se desenha uma casa», in *Como se desenha uma casa*, op.cit, p.9.

Assim iniciamos a construção do nosso espaço-possível.

Andamos pela casa, agora já limpa das suas vidas mortas, despida de móveis, de quadros e de cores, e abrimos nela novos espaços, novos mundos, em que finalmente os nossos corpos podem habitar com a serenidade com que se habita uma casa e com a emoção com que desejam viver.

Muitas são as vezes em que nos sentamos à mesa, após o jantar, e entre sonhos e memórias discutimos um habitar futuro; rabiscos sobre a folha de papel, palavras e gestos que tentam tornar quase-palpável, quase-real, quase-material, as possibilidades que abrimos. Levantam-se possibilidades.

A casa revela-se então num infinito de espaços-possíveis, mar de possibilidades, mar de potência; e o construtor vagueia lentamente entre os espaços que a imaginação consegue abrir. O projecto da nossa construção passa entre eles, novos espaços, analisa, examina: este sim; aquele não; Algumas passagens são fechadas neste labirinto possível; outras tornam-se mais claras e mais sólidas. O projecto vai-se construindo, lentamente, como lento é o tempo dos que o fazem.

Por vezes, o passado volta a visitar-nos; pede-nos memória, pede-nos paciência.

A marquise do piso superior, antes varanda, é hoje projecto de cozinha.

Porém, foi já projecto de varanda-outra-vez, marcação

de uma entrada que a casa de cima, na verdade, não tem. Era um projecto simples, de simples construção – tirar um caixilho aqui, outro ali, um remate aqui, outro acolá, enfim, simples.

Contudo, e como devíamos já saber, nas casas velhas nunca nada é assim tão simples. Os construtores anteriores, que continuam a ter lugar à nossa mesa, são os mesmos que anos antes tinham transformado a varanda em marquise. Recordavam esse gesto, essa apropriação do espaço-casa, com o carinho com que recordamos viagens passadas. Atribuía-mos a esse gesto construtor um sentido, uma marca que, sabíamos, não queriam ver apagada. Não nos diziam tal coisa, claro está. Diziam antes que era a chuva que iria bater nos vidros, fazer barulho; diziam mil e uma coisas, menos aquilo que não sabiam como dizer.

E como isto das casas, como sabemos, é coisa complexa, o projecto varanda-outra-vez deixou de fazer sentido. Hoje é projecto-cozinha, é espaço de afectos e é onde passamos maior parte do tempo na casa.

A criação do espaço-*possível* é, então, a criação do projecto; é análise de condições e de meios, é o escolher entre as várias possibilidades abertas qual será a construção da nova morada; é, principalmente, a construção de um longo processo projectual, que contraria a prática do projecto *fast-food*, de consumo instantâneo, alienado da realidade quotidiana dos que sentem e vivem o espaço-casa. Porque a construção da morada é talvez a mais íntima das construções e, como tal, leva tempo a desvendar os seus mistérios. “*Eu continuo a dizer que o tempo tem um enorme papel na nossa produção, a pressão que exercem sobre nós, que contamina, que mina. (...) Acredito que certas formas (...) terão muito a ver com isso; terão muito a ver com o momento cultural em que se vive, que é, talvez, apressado.*”¹²⁹

A criação do espaço-*possível* é assim, demarcadamente, um processo de lentidão; feito de avanços e recuos, e fundamentalmente de incertezas. E ainda que, como projecção futura que é, seja pura abstracção, o espaço-*possível* procura ser a mais concreta das abstracções, ou seja, a mais verdadeira resposta ao problema do espaço-casa.

Um dos aspectos que mais nos atormentava na Casa em Espera eram as suas divisões interiores provocadas pela excessiva compartimentação característica deste género de construção. Assim, era o nosso objectivo tornar o espaço o mais *comunicante* possível, abrindo portas em janelas, passagens, circulações.

Para tal, numa das paredes da casa, escondida por um armário de ponta a ponta em ambos os sentidos, foi pensada uma abertura; passagem escondida por dentro do armário que faria

129. FIGUEIREDO, V., «Tempo e dinheiro» in *Fragments de um discurso*, op.cit., p.83.

comunicação entre as duas salas.

O projecto foi-se desenvolvendo, com a lentidão necessária. A passagem foi esquecida, não por falta de razões, nem por razão alguma. *“Precisávamos (lembras-te?) de uma grande razão. Agora uma pequena razão chegaria, um ponto fixo, uma esperança, uma medida.”*¹³⁰

O tempo do processo permitiu o abandono de uma ideia que, arrumada na gaveta das possibilidades, poderá vir a ser retomada, um dia, ou como tantas outras, cair no esquecimento.

O construtor torna-se então a figura central deste processo: figura protagonista que criámos para que pudéssemos entender de que modo intervir na casa-materna, mãe de todas as casas, que está sempre na origem dos nossos espaços de afectos, e a qual transportamos fielmente na nossa memória e nas nossas construções-casa.

Assim, o construtor é aquele que se situa entre o habitante e o arquitecto, entre aquele que habita e aquele que cria, projecta, o espaço a habitar. Poderíamos então dizer que o construtor é o diálogo presente neste processo; é mediador da emoção, e do saber-fazer, da afectividade e da objectividade final desta jornada.

^{130.} PINA, M. A., «Quinquagésimo ano» in *Todas as palavras, poesia reunida*, op.cit., p.283.

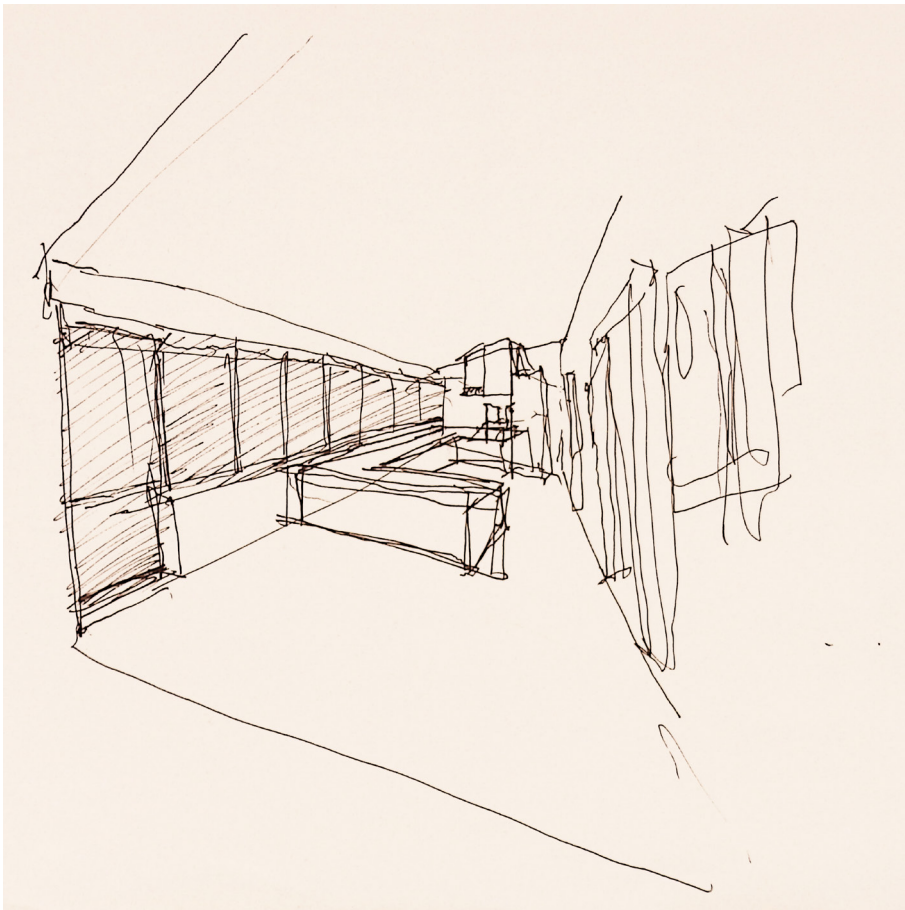


Fig.47 Luís Piteira, *Desenho da marquise (projecto)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

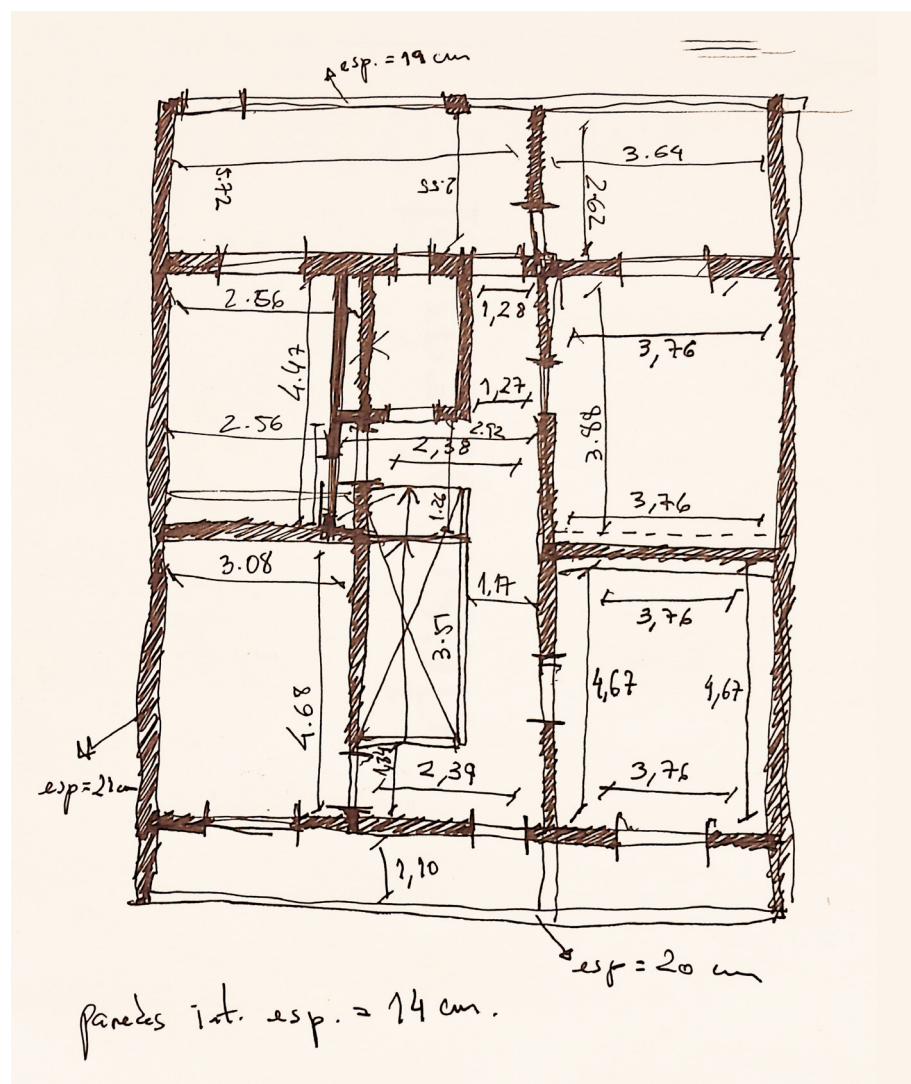


Fig.48 Luís Piteira, Adriana Corrêa, *Desenho de levantamento*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

Espaço-do-possível

“Vós artistas, que fazeis teatro
 Em grandes casas, sob sóis de luz artificial
 Perante a multidão calada, procurai de vez em quando
 Aquele teatro que se passa na rua.
 Aquele teatro do dia-a-dia, de milhentas faces e sem fama
 Mas tão vivo, terreno, que se alimenta
 Da vida comum dos homens e se passa na rua.
 (...)

Mas não digais: Esse homem
 Não é artista. Levantando um muro destes
 Entre vós e o mundo todo, apenas vos expulsais
 Do mundo. Se vós lhe dissésseis
 Que ele não era artista, ele podia dizer-vos
 Que vós não sois homens, e isso
 Seria censura bem maior. Dizei antes:
 Ele é artista porque é homem. Nós
 Talvez façamos com maior perfeição o que ele faz e
 Por isso nos honram mais, mas o que nós fazemos
 É algo geral e humano, hora a hora,
 Ensaiado no tumulto da rua, quase
 Tão apreciado pelo homem como o comer e o respirar.
 (...)

Mas entendamo-nos: mesmo que vós melhorásseis
 O que faz o homem da esquina, faríeis menos
 Do que ele, se vós
 Fizésseis o vosso teatro com menos sentido, por menos pretexto,
 Entrando menos na vida dos espectadores e
 Menos útil.”¹³¹

131. BRECHT, B., «Sobre o teatro do dia-a-dia» in *Poemas*, op.cit. p.277.

Criado o espaço-possível – projecto, possibilidade, abstracção, potência – inicia-se o processo de execução; cruzamento do plano da imaginação com o plano terreno onde se processa a vida dos homens. É neste cruzamento, no confronto do *real* com o *possível*, que o espaço-possível se transforma em espaço-do-possível: espaço-real, físico e tangível. Assim, saindo do campo da abstracção e das possibilidades, pisamos pela primeira vez em solo firme, onde as coisas têm um peso e uma outra presença.

Sabemos, o confronto é duro no projecto, principalmente para aquele que nunca soube o que é sentir o seu próprio peso. E este, ainda que inexperiente no que toca às contingências e circunstâncias do real, tem que ter a elasticidade suficiente para se adaptar, transformar e dar resposta a condicionantes que apenas existem no espaço dos homens. Aqui, no confronto com a realidade, reside a diferença entre *fazer-possível* e o *fazer-o-possível*. E é neste segundo *fazer* que encontramos as casas-

132. BRECHT, B., «Sobre a construção das obras duradouras» in *Poemas, op.cit.* p.362.

reais, aquelas que vão sendo construídas durante tanto tempo “*quanto o preciso pra ficarem prontas. Pois enquanto dão que fazer não ruem.*”¹³²

É no seio deste conflito que a construção ganha força, distanciando-se do campo subjectivo de um espaço-ideal para enfrentar as dificuldades concretas da sua realização. Para tal o projecto tem que conseguir dar resposta às alterações de última hora, aos imprevistos, às decisões apressadas do construtor entre tijolos e pó; assim, o projecto não pode, de modo algum, ter a ambição de ser um produto finalizado, obra de autor ou objecto concluído em si mesmo, pois é parte de um todo que inclui a construção contínua e inacabada, não podendo nunca ser entendido como um fim em si mesmo mas apenas como um meio, um entre, uma parte.

A falta de experiência, associada à previsível ingenuidade de construtores-pela-primeira-vez, levou-nos a um difícil confronto com a realidade da construção de uma casa.

Rapidamente percebemos que os meios pelos quais fomos ensinados a comunicar (plantas, secções, alçados e até mesmo axonometrias impecavelmente desenhadas a AutoCad) nos seriam perfeitamente inúteis. Das inúmeras pessoas envolvidas neste processo de construção apenas uma sabia *ler* nestas representações o conjunto de intenções que pretendíamos comunicar. Para as restantes os desenhos não eram mais do que *manias de architectos*.

Posto isto, não tardou a que tomássemos a decisão de abandonar este processo e passássemos a outros modos de comunicação mais eficazes: o de explicar, rabiscar, gesticular, e, principalmente o de contar e mostrar, que se revelaram meios muito mais operativos de comunicação. Assim, os poucos desenhos que fomos fazendo tinham como único remetente nós mesmos, servindo-nos apenas em ocasiões específicas de dúvida pontual.

A inutilidade das representações, como meios de comunicação, alterou a forma com que pensámos o projecto. O diálogo, seu substituto à força, levou-nos a uma aprendizagem que conduziu o projecto por outros novos caminhos que os processos de comunicação gráfica, enquanto peça estática, não seria capaz de abrir.

Como tal, o projecto, enquanto prática da disciplina da arquitectura, deve ser entendido como algo muito maior que a simples resposta a um pedido, especialmente enquanto projecto da mais íntima das construções do homem: a morada. Um projecto que se limite apenas a cumprir um organigrama de funções perfeitamente desenhadas sobre a folha de papel estará sempre muito aquém da construção de uma casa.

“O meu melhor projecto foi com o Dr. Vítor Nogueira, da Figueira da Foz. (...)

Comecei a falar com eles sobre a casa e percebi que ela queria um quarto grande para poder estar e que ele gostava de vacas. (...) Eu disse-lhes: «Vão-se enfiar aqui num buraco, num lote de terreno que não tem sentido nenhum, vocês têm é que procurar aqui perto da Figueira uma casa que já exista ou terreno qualquer grande para se construir lá a casa.» (...)

Aquilo era o que ele queria! Eu nunca lhe poderia dar nada parecido, num lote de 30 ou 40 metros, maior ou menor, seria sempre uma moradiazinha, por muito jeito que eu tivesse (...)”¹³³

133. FIGUEIREDO, V., «O meu melhor projecto» in *Fragmentos de um discurso*, op.cit., p.75.

Iniciado no diálogo, o projecto não se finaliza em si mesmo, não sendo ele mesmo um fim, mas sim uma parte fundamental de um processo continuamente inacabado, tal como é contínua a insatisfação do homem. Uma casa não é para ser feita, é para se ir fazendo, a cada dia um pouco mais... E o projecto tem assim que ser capaz de acompanhar a construção ao longo do tempo que esta durar e, como tal, tem que se adaptar, moldar e transformar sempre que necessário, pois este serve para dar respostas aos problemas do habitar, também estes em constante transformação.

Na chegada à casa eram claras as intervenções necessárias à construção de um primeiro-habitar. Não ainda um habitar definitivo, mas, para já, um habitar-possível. E assim foi delineada uma primeira etapa construtiva: uma cozinha, símbolo de um habitar independente; um quarto; uma sala. O resto, para quando houver tempo.

Foi então iniciado o processo. Com a casa partida a meio – a metade em que improvisávamos uma morada e a metade da obra, da sujidade e do pó – fomos construindo um projecto, que ia sendo adaptado ao tempo que tínhamos antes da chegada do inverno, condicionado pelos dias de chuva e pela paciência limitada de quem habita uma casa em obras.

Chegado o natal concluiu-se a primeira etapa. A casa encontrava-se já no estado possível de receber a família para a celebração da data, mas, mais do que isto, para a celebração da nova morada.

O projecto deve ser entendido enquanto método e não enquanto objecto; iniciado na abertura do espaço-*possível*, levantamento e reconhecimento de potencialidades, e continuado pelo espaço-do-*possível*, no conflito com a realidade, diante das circunstâncias e dificuldades da sua construção; ele deverá ser concluído apenas enquanto etapa formal de um processo aberto, porém nunca enquanto construção. Pois esta cabe ao habitante, no dia-a-dia do seu habitar.

Acima de tudo, o projecto deve ser entendido enquanto potenciador de um

habitar-próprio, e nunca condicionador desse mesmo habitar. Deve abrir portas, possibilidades de acção e diálogo, abrir espaço para construção da morada e não impor um modo de habitar, fechando o espaço à sua condição mínima e estéril de funcional *máquina de habitar*.

Foram estes os princípios com que iniciamos o processo de criação, concretização e execução do espaço-do-*possível*, onde o projecto ganha força no confronto com as condições do real, e onde a construção ganha forma, espessura e materialidade. É, finalmente, neste último espaço que os corpos, moradores, construtores, homens, poderão habitar e construir a sua morada.

Ainda muito fica por fazer, aqui na Casa em Espera. Continuaremos a construí-la, para que ela continue a receber-nos. Continuaremos a habitá-la, para que ela habite também em nós. A casa continuará à espera, é a sua condição permanente, partilhada com todas as casas. Elas esperam por novos construtores, novos espaços, novos moradores para receber.

As casas esperam por nós.

*“Na casa nasci e hei-de morrer
na casa sofri convivi amei
na casa atravessei as estações
respirei - ó vida simples problema de respiração
Oh as casas as casas as casas”¹³⁴*

134. BELO, Ruy, «Oh as casas as casas as casas», *op.cit.*



Fig.49 Fotografia da autora, *Materialização (1)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.



Fig.50 Fotografia da autora, *Materialização (2)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

O espaço (continuação e fim)

*“Toda a tarefa que a gente assume tem a capacidade de ser alienada e alienante. Está em nós, e naquilo que nós somos como pessoas, a capacidade de que essa tarefa não seja alienada nem alienante. Quer dizer, é essa a nossa capacidade. (...) Primeiro somos pessoas, e depois somos arquitectos. Caso contrário, não passaremos de uns profissionais que sabem fazer uma coisa.”*¹³⁵

135. FIGUEIREDO, V., «Ensinar» in *Fragmentos de um discurso*, op.cit., p.95.

Retomando o início: “*assim começa o espaço, somente com palavras, com símbolos traçados sobre a página branca*”; assim começou também a nossa construção. E, neste espaço final, de continuação e de fim, baptizado por Georges Perec¹³⁶, despedimo-nos da página branca, habitando já o espaço aqui iniciado.

136. PEREC, Georges, «O espaço (continuação e fim)» in *Especies de espacios*, op.cit., p.139-140.

A experiência da casa, esta em particular não mais do que as outras, trouxe-nos inquietações que ao longo desta construção tentamos partilhar, reconhecer e assumir como partes integrantes da construção de uma morada. Deste modo, a Casa em Espera é ponto de partida para o problema da casa, uma amostra de um *processo de habitação*, pessoal e disciplinar, personificado na figura do construtor, experiência simultânea da condição de habitante e arquitecto. Através desta simultaneidade conseguimos um maior entendimento da enorme complexidade da construção de uma casa, e mais do que isso, da construção de um modo de habitar.

É desta forma que a Casa em Espera, construção para projectar e habitar, nos abriu espaço para uma tentativa de compreensão do paradigma da casa. Assim, esta construção de casa-por-palavras procura ser mais do que uma evocação, para ser relato de uma experiência de projecto e de casa, e a expressão do que pode ser entendido como um processo auto-crítico de uma prática pessoal e disciplinar.

O fantasma mudo que nos assombrou ao longo de todo este processo fazia-nos repetidamente uma mesma pergunta, à qual não podíamos (ou sabíamos) responder com qualquer convicção: *Qual é o papel do arquitecto na construção de uma casa?* Como pode o arquitecto contribuir para que a casa supere a forma estritamente burocrática e funcional? Ou pior, a sua forma impositiva e limitativa?

Importa pensar de que modo pode a disciplina ser uma mais valia nesta construção. Importa pensar de que modo pode o arquitecto, afastando-se do ego e da produção da imagem-vã de consumo instantâneo, participar no processo de construção da casa, não só a sua, mas a de um outro habitante. Importa pensar de que modo pode o arquitecto dialogar com a condição afectiva e emocional latente na construção da morada, compreendendo as necessidades, condicionantes e possibilidades de um habitar que não o seu, deixando de parte uma concepção determinista do habitar, sendo assim capaz de tornar possível um espaço-casa que dê morada a um outro corpo, uma outra vida, a um outro alguém.

Torna-se então indispensável a consciência da importância da figura fictícia do construtor, arquitecto e habitante num corpo só, que não é nada mais do que a relação estabelecida entre duas personagens fundamentais deste processo.

O arquitecto, por si só, terá sempre a incapacidade de conceber um espaço capaz de receber o habitar-ideal de um outro sujeito, do mesmo modo que ao habitante faltarão as ferramentas, o saber-fazer, a experiência, e a capacidade de vaguear pelo labirinto dos espaços-possíveis. Apenas o construtor será capaz, reunindo em si ambas as partes, de levar a cabo a construção do espaço-casa.

Assim, e na impossibilidade da figura do construtor, o arquitecto tem como principal objectivo no processo de construção do espaço-casa estabelecer uma relação de diálogo, de partilha e aprendizagem com o habitante, pois é precisamente essa relação que funcionará como fundação para todo o processo. Deste modo, o arquitecto deve assumir-se como um possibilitador, ou seja, aquele que torna possível o desejo de um habitar concreto, real e humano.

“Uma amiga contava-me que determinado arquitecto tinha sido bestial porque tinha feito tal e qual ela queria, tinha seguido as instruções dela à risca, etc. Eu respondi-lhe: «Olha, eu acho que merecias mais! Merecias mais, merecias o diálogo. E poder-se-ia até ter chegado ao mesmo resultado, mas não nessa atitude passiva do arquitecto que vai cumprir as indicações!»”¹³⁷

137. FIGUEIREDO, V., «O meu melhor projecto» in *Fragments de um discurso*, op.cit., p.75.

É, portanto, no diálogo, na relação entre habitante e arquitecto, que nasce o projecto. O arquitecto assume o papel de um gestor de processos emocionais, desejos e expectativas que darão origem ao espaço-casa. Terá assim que reconhecer no habitante os espaços que este transporta consigo, compreender o seu passado, o presente e a sua ideia de um habitar futuro. É nesta gestão que são dados os primeiros passos na abertura de possibilidades, através do reconhecimento de intensões, de potências-espaço e da construção da casa. Trata-se sempre de um processo de aprendizagem mútua, de compreensão de um desejo comum, de uma expectativa partilhada do que virá a ser um resultado final, ainda que não finalizado, do espaço-casa.

Este processo deverá ser seguido por uma materialização de intenções e desejos, na transformação do espaço-*possível* em espaço-*do-possível*, no qual o arquitecto assume-se enquanto mediador, munido das ferramentas necessárias para tornar a abstracção do projecto em espaço palpável, físico e real. Trata-se de uma medição entre uma expectativa inicial e o seu confronto com a realidade, numa gestão de recursos (pessoais, emocionais, materiais, económicos, intelectuais, etc.), que buscam a concretização objectiva de um ideal-futuro.

“Ele [Jorge Spencer] escreveu que «os desejos se processam mais através da conversa e da manipulação das incertezas do que através do discurso de afirmação da disciplina.»”¹³⁸

138. FIGUEIREDO, V., «O processo» in *Fragments de um discurso*, op.cit., p.86.

*

“(…) reconhece-se um recuar da imagem enquanto discurso ou representação, em favor de uma imagem-expressão (que não

*expressa nada para além do seu movimento) ligada directamente às vidas e ocupações dos habitantes da casa (...). Através de uma activa economia de meios dá-se valor à intervenção e à colaboração. A imagem do objecto arquitectónico resiste, de uma forma residual como um fundo-potência sobre o qual se constituem eventos e acontecimentos.*¹³⁹

139. PEREIRA, Godofredo, «Da sustentabilidade à ecologia radical» *op.cit.*, p.31.

Entramos, então, no campo de uma arquitectura *menor*, não por ser uma arquitectura pobre, de escassez de meios, mas sim por ser uma prática de economia de meios e de recursos (que não têm que ser necessariamente recursos económicos). Falamos de uma arquitectura capaz de trabalhar com aquilo que tem à mão, por assim dizer. Falamos também de uma prática da disciplina consciente de que a resolução dos problemas da habitação não passa necessariamente por uma grande intervenção; pelo contrário, em muitos dos casos, intervenções pontuais, por vezes quase cirúrgicas, têm a capacidade de transformar por completo o espaço-casa e o habitar desse mesmo espaço; com a consciência de que, não é o tamanho da intervenção que importa, mas sim o seu impacto, a sua potência transformadora e a sua capacidade de criação.

Com isto não nos referimos apenas a processos de intervenção sobre uma pré-existência. Mesmo na construção de uma casa *de raiz*, importa a noção de que não cabe à disciplina, à prática do arquitecto, resolver tudo, controlar tudo, finalizar tudo. O espaço-casa tem que ser aberto à vida, ao acontecimento, à mudança; tem que ser aberto à livre apropriação e modos de vida. Assim, cabe ao arquitecto apenas o tornar-real de um espaço que possa ser praticado, apropriado e vivido. “*Trata-se portanto de privilegiar o não-pensado, o evento, o surgimento de complexidades culturais e vivenciais que não se encontram pré-definidas nos compêndios de uma existência mínima. Porque de facto o que se defende é uma existência máxima e saudável da qual o espaço livre é peça essencial enquanto território de um poder-ser.*”¹⁴⁰

140. PEREIRA, Godofredo, «Da sustentabilidade à ecologia radical» in *op.cit.*, p.32.

“Por outras palavras não se centra na pureza objectual da obra edificada nem na servidão funcional a um tal humano que a ocupará, mas no conjunto aberto que se forma pelos elementos naturais, construídos, habitados, humanos, culturais, etc., e que se desenvolve ao longo do que se pode chamar a vida de uma casa. Um tempo que (não se pode deixar de acentuar isto) não pode ser concebido cronologicamente mas intensivamente, em espasmos de aceleração e abrandamento, de mutação e estabilização.

A expressão “a vida de uma casa” ganha uma importância concreta enquanto tema central do posicionamento arquitectónico.”¹⁴¹

141. *Idem*, p.33.

Cabe, assim, ao arquitecto transformar o paradigma do projecto de arquitectura, abandonando a ideia do projecto-finalizado, projecto-objecto ou tantas outras noções de projecto que têm em si a ideia de fim e que, por isso, o destituem da

sua capacidade de ser um processo crítico e contínuo no tempo. Assuma-se, portanto, a existência de um projecto disciplinar, e de um outro, que não o é, mas nem por isso é menor, menos importante ou menos válido; a existência de um projecto contínuo, abrangente, com a duração de um habitar.

Trata-se, então, de estender o que é o projecto disciplinar (aquele que requer a presença constante do arquitecto) e de tornar infinito aquele que não o é, aquele que é praticado todos os dias, através de processos de apropriação e de constantes adaptações, que pode ou não ser acompanhado pelo arquitecto, mas que decerto se fez munir das ferramentas necessárias para a sua continuação. Falamos das metodologias projectuais praticadas por Lacaton & Vassal, no acompanhamento periódico dos processos de apropriação das residências na Cité Manifeste em Mulhouse¹⁴²; falamos do CIY (adaptação do DIY – *do it yourself* para *complete it yourself*) dos Aixopluc, com a criação de sistemas que podem ser reproduzidos pelo habitante no futuro¹⁴³; falamos da prática de Mumemo, pelo arquitecto Miguel Mendes, que através de processos de formação permite a independência e a autonomia de programas inicialmente condenados à incapacidade de subsistência autónoma¹⁴⁴; falamos de todas as práticas de continuidade e abrangência o que “*não implica necessariamente falar de uma arquitectura sem projecto, mas de uma concepção transformada de projecto, concebido como um tempo de formação, de cristalização de certas opções, dentro de um tempo indeterminado e mais abrangente que é o da arquitectura em si.*”¹⁴⁵

Falamos de todas estas práticas, e falamos também da que tivemos a oportunidade de construir, com a Casa em Espera, em primeira mão, experienciando todas as dificuldades e procurando criar estratégias para as solucionar. Falamos também das nossas casas e das vossas, e de todas as outras construídas diariamente, com ou sem arquitecto, mas sempre contando com a presença do habitante. Falamos das casas por onde passámos; também elas farão parte das nossas construções futuras. Falamos de todas as casas construídas para serem vividas, contentores de afectos, de memórias e gentes.

Falamos de casas.

Falamos de casa.

Falemos de casas.

*“Estas são as casas. E se vamos morrer nós mesmos,
espantamo-nos um pouco, e muito, com tais arquitectos
que não viram as torrentes infindáveis
das rosas, ou as águas permanentes,
ou um sinal de eternidade espalhado nos corações
rápidos.*

*- Que fizeram estes arquitectos destas casas, eles que vagabundearam
pelos muitos sentidos dos meses,
dizendo: aqui fica uma casa, aqui outra, aqui outra,
para que se faça uma ordem, uma duração,
uma beleza contra a força divina?”*¹⁴⁶

142. LACATON & VASSAL, Cité Manifeste, Mulhouse, França, <http://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=19>

143. AIXOPLUC, Cine Lidia, Riudecols, Espanha, <http://www.aixopluc.net/cine-lidia#01-riudecols>

144. MENDES, Miguel, Mumemo, Moçambique, <http://mumemo.blogspot.pt/>

145. PEREIRA, Godofredo, «Da sustentabilidade à ecologia radical» in *op.cit.*, p.32.

146. HELDER, H., «Falemos de casas», *op.cit.*, p.9-12.

'His purpose was to get closer and closer and closer.'
John Berger

We keep questioning:

1. TO HELP.

Our job is to help others build what they need.
Making architecture is an act of empathy and generosity.
We don't believe in competition, we practice collaboration.
We must be useful to others and to the biotopes we transform.
From now on, constructions without ego nor desire.
As a poet once said, 'everything is bullshit but the open hand'.

2. TO IMPROVE.

Our job is to solve, not to create more problems.
The places we make are thought for a better performance,
and for people to feel good in them.
This is so for the whole construction life cycle:
from our collaborators to the builders, the users and the whole biosphere.
Each project poses new questions,
sometimes we need to develop specific tools for them.
Every obstacle on the way is a chance to improve.

3. TO INCREASE POSSIBILITIES.

There are no constraints, only possibilities.
In order to give the maximum building the minimum,
we materialise adaptable, easily transformable environments.
To gain inhabitable energy through building weather systems.

4. TO MAKE IT EASIER.

Our job is to think, so others can build and live more easily.
Our goal is clear and simple, the way is complex.
We devote our quality time to this.
Autonomy and freedom are our allies.

5. NO WASTE.

We need to evolve from parasites to a symbiotic relation with nature.
In order to achieve this, our priority is to use energy
that has not been transformed by man yet: sun, wind, rain...
To make the most of everything.
We strive to give the maximum comfort for others
with the minimum material and energy waste:
Our goal is to build the minimum necessary to fulfill somebody else's need,
with no waste whatsoever and with a positive ecological impact.

Fig.51 Aixopluc, *Our questions.*

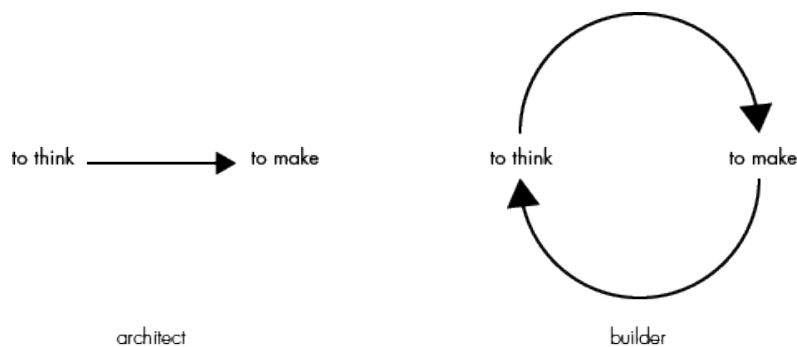


Fig.52 Aixopluc, *A little map for builders (young and on a journey).*



Fig.53 Lacaton & Vassal, *Cité Manifeste*, Mulhouse, 2005, fotografia por **-/ EntreVoir*.



Fig.54 Lacaton & Vassal, *Cité Manifeste*, Mulhouse, 2005, fotografia por Philippe Ruault.



Fig.55 Lacaton & Vassal (fotografia e arquitectura), *Cité Manifeste*, Mulhouse, 2005.



Fig.56 Aixopluc, *Cine Lidia*, 2013.



Fig.57 Aixopluc, *Cine Lidia*, 2013.

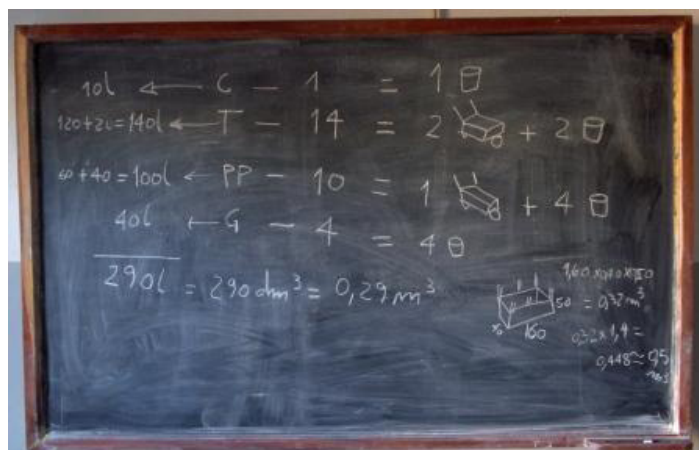


Fig.58 Miguel Mendes, *Mumemo*, 2006.



Fig.59 Miguel Mendes, *Mumemo*, 2006.

Imagem

casa

espera

casa em espera

construção

processo

habitação

processo de habitação

fazer-possível

fazer-o-possível

texto-construtor

ou texto-espaço

quotidiano

vida

tempo

tempo da casa

tempo do construtor

moradas

moradores

condição do habitar

habitar

criar espaço ou abrir espaço

espaço-potenciador

apropriação do espaço

memória

fantasmas

esquecimento

espaço passado

espaço presente

futuro

ou projecção possível
da realidade

projecto de vida

espaço ampliado no tempo

casa materna

ou casa mãe

imaginação

espaço-mental

evocação

dimensão do tempo

espaço de afectos

ou espaço-contentor
de afectos

casa do regresso

satisfação de um habitar

casa da felicidade

ou espaço-felicidade*ou* espaço de desejos

matéria de projecto

material de projecto

dispositivos de transporte

espaço mestiço

processo de ocupação

processo de continuidade

ou espaço contínuo*ou* espaço em permanente

construção

ruína

viagem

construtor

experiência

gestor de processos

recursos

projectos

mediador

espaço-tempo-presente

diálogo

existências

espaço encolhido

corpo

hábito

ser

contentor

casas-possíveis

desenhos-possíveis

construtores-possíveis

casa vazia

ou espaço-nu

dispositivos

espaço habitado

espaço quotidiano

contentor de hábitos

casa-visível

casa-espaço

lugar-casa

espaço-casa

casa cenário

casas-mortas

luto

mais-que-coisa

mais-que-casa

coisas-mortas

ou coisas-apenas-coisas

corpos-presentes

corpos-ausentes

espaço do tempo

ou espessura do tempo

praticável

passado inabitado

ou passado museológico*ou* tempo incapacitante

gesto construtivo

casa-função

casa-espaço

casas da casa

casa-real

espaço-inútil

espaço estático

espaço-futuro

ou espaço da imaginação

arquitecto

habitante

viajante

construtor

espaço possível

intimidade

saber-fazer

objectividade

subjectividade

prática pessoal

prática disciplinar

materialização

arquitectura menor

potência transformadora



Fig.60 Fotografia da autora, *Construtores (3)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

Bibliografia

Em algumas obras consultadas importa a distinção de textos específicos por se tratarem de referências directamente relacionadas com os temas abordados, ainda que toda a obra seja parte da bibliografia apresentada.

AIXOPLUC
www.aixopluc.net

ANDRÉ, João Maria, *Multiculturalidade – identidades e mestiçagem*, Coimbra, Palimage, 2012.

ANDRÉ, João Maria, *O espaço cénico como espaço potencial: para uma dinamologia do espaço*; Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Colégio das Artes, 2014.

BELO, Ruy, *Todos os poemas*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2000.
«Oh as casas as casas as casas»

BRANDÃO, Ludmila de Lima, *A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços*, São Paulo, Perspectiva, Cuiabá, Secretaria de Estudos de Cultura de Mato Grosso, 2002.

BRECHT, Bertolt, *Poemas*; Versão portuguesa de Paulo Quintela, ASA Editores, Porto, Coleção Terra Imóvel, 1ª edição: Setembro 2007.

«De todas as obras»
«Louvor do esquecimento»
«Sobre a construção das obras duradouras»
«Sobre o teatro do dia-a-dia»

BUARQUE, Chico, *Chico Buarque* (álbum), Universal Music, 1978.
«Feijoada Completa»

CAMARERO, Jesús, *Especies de Espacios*, Barcelona, Montesinos, Abril 1999.
«Escribir y leer el espacio»

CAMPOS, Álvaro, *Poemas de Fernando Pessoa*, Visão, Janeiro 2006.
«Tabacaria»

COUTO, Mia, *Vozes anoitecidas*, Lisboa, Caminho, 1987, 3ª edição .

FIGUEIREDO, Vítor, *Fragmentos de um discurso*, Circo de Ideias, 2012.
«Ensinar»
«O meu melhor projecto»
«O processo»
«Tempo e dinheiro»

- FONSECA SANTOS, Inês, *A Habitação de Jonas*, Lisboa, Abysmo, 2013.
«A Habitação de Jonas»
- FONSECA SANTOS, Inês, *As coisas*, Lisboa, Abysmo, 2012.
- FONSECA SANTOS, Inês, *Regressar a casa com Manuel António Pina*, Lisboa, Abysmo, Fevereiro 2015.
- HELDER, Herberto, *Poema contínuo*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004.
«Falemos de casas»
- LACATON & VASSALL, *2G - Lacaton & Vassal*, GG, Barcelona, 2007.
«Two conversations with Patrice Goulet»
- LOBO ANTUNES, António, *Memória de elefante*, Publicações Dom Quixote, 2003.
- MENDES, Miguel, *Mumemo* in <http://mumemo.blogspot.pt/>
- MORAES, Vinicius, *Para viver um grande amor*, Rio de Janeiro, Editora Autor, 1962.
«A arte de ser velho»
«A casa materna»
«A velha mesa»
«Sobre a poesia»
- PEREC, Georges, *Especies de Espacios*, Barcelona, Montesinos, Abril 1999.
«A conquista do espaço»
«De um espaço inútil»
«Medidas»
«O apartamento»
«O espaço (continuação e fim)»
«O quarto»
- PEREIRA, Godofredo, *Detritos'02: Criações singulares*, Novembro, 2008.
«Da sustentabilidade à ecologia radical»
- PINA, Manuel António, *Como se desenha uma casa*; Assírio & Alvim, Lisboa, 2011.
«Como se desenha uma casa»
«O quarto»
«Relatório»
«Ruínas»
«Talvez de noite»

PINA, Manuel António, *Ler melhor*, registo vídeo em <https://www.youtube.com/watch?v=XL71VPq6LiE>

PINA, Manuel António, *Todas as palavras, poesia reunida*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2013.

«A vida real»
«As coisas»
«Corpo presente»
«Lugares da infância»
«Neste preciso tempo, neste preciso lugar»
«Os mortos»
«Que dia? Que olhar?»
«Quinquagésimo ano»
«Separação do corpo»
«[Uma casa]»
«O regresso»

RÉGIO, José, *Fado*, Editora A bela e o monstro, Outubro 2012.

«Toada de Portalegre»

ROSA, António Ramos, *O Aprendiz Secreto*; Quasi Edições, Vila Nova de Famalicão, Julho de 2005.

SARAMAGO, José, *A viagem do Elefante*, Porto Editora, 2014.

SARAMAGO, José, *José e Pilar*, documentário de Miguel Gonçalves Mendes, 2010.

SARAMAGO, José, *Memorial do Convento*, Porto Editora, 2015.

SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto, Civilização Editora, Abril, 2009.

«Viver uma casa»

TAVARES, Gonçalo M., *Arquitectura, natureza e amor*, Opúsculo 14, Dafne, Porto, 2008.

Iconografia

Na presente dissertação, a presença da imagem, seja ela desenho, fotografia, ou pintura, constitui uma narrativa paralela à narrativa textual, autónoma e complementar, que não a pretende ilustrar.

NOTAS

Fig.1 José Manuel Rodrigues, *As gavetas da memória: Álbum de retratos*, in <http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/jos_manuel_rodrigues/>

Fig.2 Paul Klee, *View from a window*, Island in the north sea, 1923, in <<http://elisabeth.blog.lemonde.fr/2013/02/13/fenetres-de-la-renaissance-a-nos-jours-durer-monet-magritte/fensterausblick-nordseeinsel/>>

Fig. 3 Fotografia da autora, *Vista da minha janela*, Casa em espera, Alcáçovas, 2015.

Fig.4 Aldo Van Eyck, *Leaf tree diagram*, 1962, in <<http://iris.nyit.edu/~rcody/Thesis/Readings/Eyck%20-%20Trees.jpg>>

I. PASSADO

ESPAÇOS DE AFECTOS; TRANSPORTE (1)

Fig.5 Joana Rego, *Voltar a casa como se fosse a primeira vez*, Exposição da galeria Miguel Justino Contemporary Art, 2014, in <<https://tr3sreinos.wordpress.com/2015/02/14/como-se-desenha-debuxa-dibuja-uma-casa-de-manuel-antonio-pina/>>

Fig.6 Larry Sultan, *Nighland, Pictures from home*, San Fernando Valley, 1984, in <<http://larrysultan.com/gallery/pictures-from-home/>>

Fig.7 Larry Sultan, *My father's dresser, Pictures from home*, San Fernando Valley, 1985, in <<http://larrysultan.com/gallery/pictures-from-home/>>

Fig.8 Fotografia da autora, *Casa da avó: afecto materno*, Vila Nova de Gaia, 2014.

Fig.9 Fotografia da autora, *Transporte: espaços de afectos*, Casa em espera, Alcáçovas, 2015.

ESPAÇOS MISTIÇOS; TRANSPORTE (2)

Fig.10 Antoine de Saint-Exupéry, Ilustração do livro *Le petit prince*, Paris, 1943, in <http://entree-virgulas.blogspot.pt/2015/08/titulo-pequeno-principe.html>

Fig.11 Francesc Català-Roca, (título desconhecido), Girona, 1975, in <http://static4.devote.se/gallery/big/20130514/598493908dc72f99668c5ed98e608106.jpg>

Fig.12 Fotografia da autora, *Espaço mestiço (1)*, Valência, 2011.

Fig.13 Fotografia da autora, *Espaço mestiço (2)*, Porto, 2013.

ESPAÇO ENCOLHIDO

Fig.14 Fotografia da autora, *Casa para o avô: espaço encolhido*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2015.

Fig.15 Lygia Clark, *The proposition ping-pong*, 1966, in <http://moma.tumblr.com/post/85940307291/announcing-moma-studio-breathe-with-me-a-drop-in>

Fig.16 Robert Morris, *Untitled (Box for Standing)*, 1961, in <http://beatrixfishes.tumblr.com/image/86545799300>

OUTRAS MEMÓRIAS

Fig.17 Lygia Pape, *Divisor*, 1968, in <http://post.thing.net/files/LygiaPape.JPG>

Fig.18 Fotografia de arquivo familiar, *Construtores (1)*, Alcáçovas, 1975.

Fig.19 Fotografia de arquivo familiar, *Construtores (2)*, Alcáçovas, 1995.

II.PRESENTE

CHEGADA A CASA

CONDIÇÃO DO HABITAR

Fig.20 Fotografia da autora, *Casa-passado (fantasmas)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

Fig.21 Fotografia da autora, *Casa-passado (habitar ausente)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO (1)

Fig.22 Fotografia da autora, *Apropriação (1)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2013.

Fig.23 Joana Rego, *N de não lugar*, 2008, in <http://www.saomamede.com/artista.php?id_artista=253>

Fig.24 Ramón Masats, (título desconhecido), Tornelloso, 1960, in <<https://pickanick.wordpress.com/2009/06/20/>>

CASA CENÁRIO

APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO (2)

Fig.25 Fotografia da autora, *Casa-luto*, Porto, 2014.

Fig.26 Fotografia da autora, *Apropriação (2)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2015.

Fig.27 Lacaton & Vassal (fotografia e arquitectura), Cité Manifeste, Mulhouse, 2005 (arquitectura), in <<http://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=19>>

ESPAÇO DOS FANTASMAS

Fig. 28 Fotografia da autora, *Fanstasmas (1)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

Fig.29 Fotografia da autora, *Fanstasmas (2)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

Fig.30 Pina Bausch (coreografia), *Blaubart*, 1977, <<http://monaeltahawy.tumblr.com/post/92364916912/thewaking-blaubart-bluebeard-pina-bausch>>

Fig.31 Kathe Kollwitz, *The mothers*, 1922, in <http://www.moma.org/collection_ge/object.php?object_id=69687>

Fig.32 João Fazenda, Ilustração do livro *As coisas* de Inês Fonseca Santos, 2002, in <<http://joaofazenda.com/g/illustrated+books/livro+Coisas>>

OS CORPOS E AS COISAS

Fig.33 João Fazenda, Ilustração do livro *As coisas* de Inês Fonseca Santos, 2002, in <<http://joaofazenda.com/g/illustrated+books/livro+Coisas>>

Fig.34 Anton Corbijn, Fotografia de Tom Waits, Dilon Beach, California, in <<http://www.americanphotomag.com/2013-photo-books-year-culture?image=2>>

Fig.35 Luis Buñuel, Salvador Dali, *Un chien andalou*, 1928, in <<https://www.youtube.com/watch?v=BIKYF07Y4kA>>

Fig.36 Fotografia da autora, *Mudar-se: as coisas*, Porto, 2014.

ESPAÇO DO TEMPO

Fig.37 Richard Long, Ilustração do livro *Dartmoor*, 2006, in Diogo Silva, *Ideologia e desencanto: vocação política da arquitetura em Manfredo Tafuri*, Porto, Faup, 2014.

Fig.38 Ouroboros, Símbolo da Mitologia Grega, in <<https://www.pinterest.com/pin/98094098106697500/>>

LOUVOR DO ESQUECIMENTO

Fig. 39 Julie Laurin, *Atlântida*, Performance integrada no evento Walk&Talk Azores, Fotografia de Jorge (Artur) 170276368&set=a.1158118380870047.1073741834.100000156877876&type=1&__mref=message_bubble>

CASA FUNÇÃO

AS CASAS DA CASA

Fig.40 Vitor Figueiredo, *Planta de um fogo* (Chelas), 1973, in Vitor Figueiredo, *Fragmentos de um discurso*, Circo de Ideias, 2012.

Fig.41 Le Corbusier, Cabanon, 1951, in <<http://archidead.net/poor-and-rich/>>

Fig.42 Le Corbusier, Desenho para o Projecto Wanner, 1928, in Cecilia Vivanco, *El proyecto moderno como construcción de una utopía*, Arteoficio no7, Santiago do Chile, Trazas Escuela de Arquitectura USACH, 2008, p.13.

Fig.43 João Fazenda, Ilustração do livro *As coisas* de Inês Fonseca Santos, 2002, in <<http://joaofazenda.com/g/illustrated+books/livro+Coisas>>

Fig.44 Paul Klee, *Villa R*, 1919, in <<https://www.pinterest.com/pin/327285097894130645/>>

Fig.45 Fotografia da autora, *Espaço (in)útil*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2015.

POTÊNCIA ESPAÇO

Fig.46 Ana Ventura, *Take-care*, 2012, in <http://demo.anaventura.com/index.php/portfolio_page/take-care/>

III.FUTURO

SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS OBRAS DURADOURAS

ESPAÇO-POSSÍVEL

Fig.47 Luís Piteira, Desenho da marquise (projecto), Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

Fig.48 Luís Piteira, Adriana Corrêa, Desenho de levantamento, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

ESPAÇO-DO-POSSÍVEL

Fig.49 Fotografia da autora, *Materialização (1)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

Fig.50 Fotografia da autora, *Materialização (2)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

ESPAÇO (CONTINUAÇÃO E FIM)

Fig.51 Aixopluc, *Our questions*, in <<http://www.aixopluc.net/aixopluc#our-questions>>

Fig.52 Aixopluc, *A little map for builders (young and on a journey)*, in <<http://www.littlemaps.net/a-a-little-map-for-builders/>>

Fig.53 Lacaton & Vassal, *Cité Manifeste*, Mulhouse, 2005, fotografia por “-/*EntreVoir* in <<http://entrevoirart.blogspot.pt/2014/06/a-lacaton-p-vassal-cite-manifeste.html>>

Fig.54 Lacaton & Vassal, *Cité Manifeste*, Mulhouse, 2005, fotografia por Philippe Ruault in <<http://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=19>>

Fig.55 Lacaton & Vassal, (fotografia e arquitetura), *Cité Manifeste*, Mulhouse, 2005, in <<http://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=19>>

Fig.56 Aixopluc, *Cine Lidia*, 2013, in <<http://www.aixopluc.net/cine-lidia#01-riudecols>>

Fig.7 Aixopluc, *Cine Lidia*, 2013, in <<http://www.aixopluc.net/cine-lidia#01-riudecols>>

Fig.58 Miguel Mendes, *Mumemo*, 2006, in <<http://mumemo.blogspot.pt/>>

Fig.59 Miguel Mendes, *Mumemo*, 2006, in <<http://mumemo.blogspot.pt/>>

Fig.60 Fotografia da autora, *Construtores (3)*, Casa em Espera, Alcáçovas, 2014.

